

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

DEREKSON RODRIGUES DA SILVA DANTAS

EXPECTATIVAS PARA O FUTURO DOS ESTUDANTES DE ENSINO MÉDIO NA
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS DO MUNICÍPIO DE DUQUE DE CAXIAS.

RIO DE JANEIRO

2021

DEREKSON RODRIGUES DA SILVA DANTAS

EXPECTATIVAS PARA O FUTURO DOS ESTUDANTES DE ENSINO MÉDIO NA
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS DO MUNICÍPIO DE DUQUE DE CAXIAS.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-
graduação em Educação da Universidade
Federal do Estado do Rio de Janeiro como
requisito parcial para a obtenção do título de
Mestre em Educação.

Orientadora: Mônica Dias Peregrino Ferreira

RIO DE JANEIRO

2021

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

DEREKSON RODRIGUES DA SILVA DANTAS

EXPECTATIVAS PARA O FUTURO DOS ESTUDANTES DE ENSINO MÉDIO NA
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS DO MUNICÍPIO DE DUQUE DE CAXIAS.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-
graduação em Educação da Universidade
Federal do Estado do Rio de Janeiro como
requisito parcial para a obtenção do título de
Mestre em Educação.

Aprovado em: ___/___/_____

Banca examinadora

Profa. Dra. Mônica Dias Peregrino Ferreira (Orientadora)

Profa. Dra. Ana Karina Brenner
Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

Profa. Dra. Regina Célia Reyes Novaes
Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ

Profa. Dra. Liliane Ribeiro Andrade
Universidade Federal do estado do Rio de Janeiro - UNIRIO

AGRADECIMENTOS

Primeiramente quero agradecer aos meus pais pelo apoio e suporte que me deram desde que iniciei a minha vida acadêmica. Mesmo as vezes me incomodando com as cobranças, eu não estaria aqui se não fosse a persistência e a confiança que eu faria uma graduação e agora terminaria o meu mestrado. Muito obrigado por acreditar na educação como estratégia de mudança da nossa realidade.

Agradeço também a duas pessoas muito importantes que sempre me apoiaram nessa empreitada que foi o mestrado, renovando minha forças e esperanças. Sou muito grato por ter Sabrina, uma grandíssima amiga e meu namorado Pedro em minha vida. Obrigado por me suportar durante todos esses anos. Aguentar minhas reclamações, me ajudar na escrita e serem os meus críticos particulares. Amo muito vocês.

Quero agradecer muito, muito mesmo a Mônica, minha orientadora, pelos conselhos, pelo acolhimento e paciência nesses dois anos. E aproveitar para agradecer aos grandes amigos que fiz no mestrado. Um grupo parceiro e que sempre buscava ajudar os companheiros. Espero muito levar alguns companheiros de luta e debate. Muito obrigado Kelly, Edna, Juliana, Isabel, Caroline e Andrea por nossos momentos de diversão.

E por último, mas não menos importante, agradeço às professoras Ana Karina Brenner e Regina Novaes por aceitarem participar da minha banca. Muito obrigado pelas dicas e ajuda na qualificação e na minha defesa.

RESUMO

A pesquisa aqui trazida pretende chamar atenção para alguns aspectos que traduzem a condição juvenil atual, assim como também a condição dos estudantes da Educação de Jovens e Adultos de nível médio (EJA/EM). A pesquisa contou com a realização de um *survey* aplicado pelo grupo de pesquisas Juventude, Escola, Trabalho e Território (JETT) da Universidade Federal do estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), em 2016. À época, o *survey* foi respondido por alunos do município de Duque de Caxias com o objetivo de conseguir o perfil dos estudantes. Ao todo foram quatro escolas visitadas, uma em cada distrito do município, e 217 alunos que responderam o *survey*. O meu principal objetivo é descobrir como as trajetórias escolares desses jovens e não-jovens das escolas que estavam nessa modalidade podem, ou não, impactar nos seus objetivos para o futuro após a saída do ensino médio. O questionário era dividido em blocos temáticos de perguntas e escolhi utilizar apenas três blocos de perguntas. O Bloco I que continha perguntas sobre o perfil socioeconômico dos estudantes, o Bloco II que tinham perguntas que faziam relação entre trabalho e estudo e por último o Bloco V que diz respeito ao que esses estudantes esperavam de seu futuro. Ao longo da pesquisa percebo que a segurança de ter uma fonte de renda mais ou menos estável pode ser fundamental para a perspectiva de futuro desses estudantes.

Palavras-chave: Juventude - Perfil social – Projeto de futuro – Duque de Caxias.

ABSTRACT

The research presented here intends to draw attention to some aspects that reflect the current youth condition, as well as the condition of high school Youth and Adult Education students. The research involved a survey carried out by the research group Juventude, Escola, Trabalho e Território (JETT) of the Federal University of the State of Rio de Janeiro, in 2016. At the time, the survey was answered by students from the municipality of Duque de Caxias with the objective of obtaining the profile of the students. In all, four schools were visited, one in each district of the municipality, and 217 students who responded to the survey. -young people from schools that were in this modality may, or may not, impact their goals for the future after leaving high school. The questionnaire was divided into thematic blocks of questions and I chose to use only three blocks of questions. Block I, which contained questions about the students' socioeconomic profile, Block II, which had questions that related to work and study, and finally Block V, which concerns what these students expected from their future. Throughout the research I realize that the security of having a more or less stable source of income can be fundamental for the future perspective of these students

Keywords: Youth - Social profile – Future project – Duque de Caxias.

SUMÁRIO

Introdução.....	8
1- Discussão teórica.....	11
1.1 Os processos de transição para a vida adulta	16
1.2 Os jovens, tempo e projetos.....	24
1.2.1 O futuro e os jovens.....	26
1.2.2 Projetos e futuro.....	29
2 - O município de Duque de Caxias e o banco de dados.....	34
2.1 A Educação de Jovens e Adultos no estado do Rio de Janeiro.....	34
2.2 O município de Duque de Caxias.....	38
2.3 Os dados do Bloco I e II do Banco de dados.....	41
2.3.1 Bloco I - Perfil socioeconômico.....	42
2.3.2 Bloco II - Trabalho e estudo.....	48
3 - Resultados da pesquisa.....	59
3.1 Escolarização juvenil.....	59
3.2 Trabalho juvenil.....	62
3.3 Resultados da pesquisa.....	65
3.3.1 Grupo A.....	68
3.3.2 Grupo B.....	70
3.3.3 Grupo C.....	72
3.3.4 Grupo D.....	74
Conclusão.....	77
Referências.....	81
Anexo A.....	84

Introdução

A pesquisa aqui trazida pretende chamar atenção a alguns aspectos, que para mim, traduzem a condição juvenil atual, assim como, e especificamente, a condição dos estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Ainda mais se levarmos em consideração a atual situação de pandemia que está sendo vivida em nossa sociedade.

São aspectos que devem ser aprofundados e valorizados para iniciar qualquer discussão acerca de políticas e práticas sobre e para a juventude e à EJA. Ao mesmo tempo que, em alguns momentos, eles não foram considerados para atualizar o debate sobre a escolarização e futuro desse grupo, que “desliza” em discussões insensíveis dentro de um sistema educacional concebido para estudantes de outros tempos ou de classes favorecidas.

Diante disso, prefiro pensar que os estudantes, principalmente os de periferia, como é o caso da minha pesquisa e o meu caso também, mesmo com os percalços em suas trajetórias conseguem elaborar e definir estratégias para quando sair da escola, traçar um futuro que consiga mudar o seu *status* no espaço social em que está inserido.

A pesquisa funcionou como expansão do Banco "Escola, Trabalho e Território", com dados sobre a cidade do Rio de Janeiro, a partir do questionário “Jovens fora de série” que reuniu pesquisadores da Universidade Federal Fluminense, Universidade Federal do estado do Rio de Janeiro e Universidade Estadual do Rio de Janeiro financiado pela FAPERJ.

À época, o *survey* foi respondido por alunos da Educação de Jovens e Adultos do nível médio no município de Duque de Caxias com o objetivo de conseguir o perfil dos estudantes de modalidade a partir de uma amostragem. Ao todo foram quatro escolas visitadas, uma em cada distrito do município, e 217 alunos que responderam o *survey*.

Mesmo sendo uma pesquisa realizada a três anos atrás acredito que ela ainda pode trazer novos olhares para esse público, principalmente por serem periféricos e pouco representativo em pesquisas, quanto é a população da Baixada Fluminense. Ademais, escolhi pesquisar os estudantes de Duque de Caxias como uma forma de expressão e de identificação própria, pois como um jovem criado na Baixada Fluminense me identifico com o grupo pesquisado e entendo o quanto é complicado crescer numa

região periférica, esquecida pelo poder público, onde para ter acesso a bens culturais legitimados, por uma pequena parcela da população, enfrentamos diversos contratempos.

O meu principal objetivo é descobrir como as trajetórias escolares desses jovens e não-jovens das escolas que estavam na modalidade de Educação de Jovens e Adultos de nível médio do município de Duque de Caxias podem, ou não, impactar nos seus objetivos para o futuro após a saída do ensino médio.

Para atingir meu objetivo eu utilizarei a noção de trajetória como uma ferramenta pois tem uma clara relação com os conceitos de *habitus*, capital cultural e campo e também a noção de projetos. A noção de trajetória social nos ajuda a perceber como a partir dos conhecimentos guardados e acumulados na socialização, os agentes podem ter atitudes justificadas e compreendidas. Um exemplo será esse trabalho, pois ao tentar observar a interseção das trajetórias escolares dos estudantes do meu campo de pesquisa com as respostas sobre o que farão quando concluir o ensino médio, espero encontrar um certo padrão nos perfis.

Bourdieu, em seu artigo “A Ilusão Biográfica” define essa noção como uma “[...] série de posições sucessivamente ocupadas por um mesmo agente (ou um mesmo grupo) num espaço que é ele próprio um devir, estando sujeito a incessantes transformações.” (p. 189, 2006). E continua dizendo

O que equivale a dizer que não podemos compreender uma trajetória (isto é, o envelhecimento social que, embora o acompanhe de forma inevitável, é independente do envelhecimento biológico) sem que tenhamos previamente construído os estados sucessivos do campo no qual ela se desenrolou e, logo, o conjunto das relações objetivas que uniram o agente considerado - pelo menos em certo número de estados pertinentes - ao conjunto dos outros agentes envolvidos no mesmo campo e confrontados com o mesmo espaço dos possíveis. Essa construção prévia também é a condição de qualquer avaliação rigorosa do que podemos chamar de superfície social, como descrição rigorosa da personalidade designada pelo nome próprio, isto é, o conjunto das posições simultaneamente ocupadas num dado momento por uma individualidade biológica socialmente instituída e que age como suporte de um conjunto de atributos e atribuições que lhe permitem intervir como agente eficiente em diferentes campos. (BOURDIEU, p.190, 2006)

Primeiramente, fiz um levantamento bibliográfico que discute juventudes, tempo futuro, projetos, trajetórias, campo de possibilidades, escolarização e trabalho. Para tal, me apropriei de textos e pesquisas de alguns autores.

No segundo capítulo mostrei uma panorama geral do município de Duque de Caxias a partir de dados que foram coletados no censo de 2010 realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), além de fazer uma comparação entre o município, o estado do Rio de Janeiro e o nosso país. Numa segunda parte do mesmo capítulo apresento o perfil socioeconômico dos estudantes que responderam ao survey.

No terceiro e último capítulo separo os estudantes em quatro grupos a partir de suas respostas marcadas sobre seus desejos após o término do ensino médio. A saber, os grupos foram divididos entre aqueles que pretendem continuar a escolarização (41%); aqueles que pretendem trabalhar após a conclusão (16%); aqueles que querem estudar e trabalhar ao mesmo tempo (9%); e por último aqueles que não tinham nenhum plano para o futuro ou que tinham outro plano não listado nas opções (10%).

Tenho como pretensão tentar trazer à tona nuances e dinâmicas dos estudantes da Baixada Fluminense que acabam sendo invisibilizados pela questão territorial pois... , onde as pessoas fazem um olhar complacente quando dizem que mora na Baixada.

Antes de dar continuidade nos capítulos, gostaria de esclarecer que meu objetivo principal foi pesquisar a expectativa de futuro dos jovens, mas não fiquei à vontade em invisibilizar as expectativas de futuro dos não jovens. Achei desrespeitoso não incluir a expectativa de mulheres que voltaram a estudar depois de terem seus filhos ou até deixar de fora idosos que estão terminando os estudos depois dos 60 anos. Acredito que essa inclusão não deve afetar a pesquisa pois, como foi mostrado no segundo capítulo, 62% dos estudantes que responderam os *survey* são jovens e entre esses jovens, 102 estão na faixa etária de 18-24 anos.

1. Discussão teórica

O grupo que está sendo pesquisado representa uma parcela dos estudantes que cursam a EJA. Diversos estudos mostram que os jovens estão cada vez mais ocupando o espaço de alunos nessa modalidade de ensino¹. CANTEJO (2019) em sua dissertação, através de uma importante pesquisa nos bancos bibliográficos online na qual teve acesso, explicita quatro vertentes explicativas (que ela chama de categorias) de como ocorre a juvenilização na EJA. A primeira é a “Juvenilização como característica da expansão da Educação de Jovens e Adultos”; a segunda é a “Juvenilização gerada pela evasão e repetência, traços de exclusão do ensino regular”; a terceira é a “Juvenilização como consequência da inserção no mundo do trabalho” e por último a “Juvenilização essencial para a nova EJA”

Ou seja, o público da Educação de Jovens e Adultos vem se transformando. Se tornando mais jovem. E por isso começo este capítulo discutindo um pouco a juventude.

Há algum tempo, pesquisadores defendem que a juventude pode ser vista como um mero signo, uma construção sociocultural, que distingue as pessoas. De certa maneira, por ser uma construção social ela pode ser manipulada, como explica Bourdieu

O que quero lembrar é simplesmente que a juventude e a velhice não são dados, mas construídos socialmente na luta entre os jovens e os velhos. As relações entre a idade social e a idade biológica são muito complexas. Se compararmos os jovens das diferentes frações da classe dominante, por exemplo, todos os alunos que entram na École Normale, na ENA, etc., no mesmo ano, veríamos que estes "jovens" possuem tanto mais dos atributos do adulto, do velho, do nobre, do notável, etc., quanto mais próximos se encontrarem do pólo do poder. Quando passamos dos intelectuais para os diretores executivos, tudo aquilo que aparenta juventude, cabelos longos, jeans, etc., desaparece.

Cada campo, como mostrei a propósito da moda ou da produção artística e literária, possui suas leis específicas de envelhecimento: para saber como ser e cortar as gerações é preciso conhecer as leis específicas do funcionamento do campo, os objetos de luta e as divisões operadas por esta luta ("nouvelle vague", "novo romance", "novos filósofos", "novos juizes", etc.). Isto é muito banal, mas mostra que a idade é um dado biológico socialmente manipulado e manipulável; e que o fato de falar dos jovens como se fossem uma unidade social, um grupo constituído, dotado de interesses comuns, e relacionar estes interesses a uma idade definida biologicamente já constitui uma manipulação evidente. (1983 p.2)

¹ Vale destacar que, como CANTALEJO (2019) ressaltou, a EJA obtém esse *status* com a promulgação da Lei 9394/96 e consegue notoriedade nas políticas públicas em nível federal a partir de 2003 com o primeiro mandato do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

Por isso é necessário ter cautela ao considerar a juventude somente uma categoria manipulável é a inviabilização que pode ocorrer a essa etapa, já que ser jovem depende da incorporação de signos de determinado campo para ser percebida e vivenciada. Bourdieu mostra um caminho para refletir que por ser relativa, a juventude é vivida de forma diferente pelos indivíduos.

Porém deve-se ter cuidado, pois se relativizar demais a categoria podemos desagregá-la das condições materiais de seu sentido e com isso perde a dimensão política e histórica dessa categoria.

Embora a juventude² seja um momento da vida que está entre outras duas etapas já consolidadas socialmente, a infância e a maturidade, a juventude não pode ser considerada um momento somente de transição. Tudo bem que é nessa época que muitos rituais significativos de passagem para a vida adulta acontecem, mas essa condição não deveria ser a única que define a juventude.

A sociedade tem que compreender que ser jovem, numa sociedade em que cada vez mais cedo somos obrigados a seguir um padrão estabelecido de sucesso, não é e está longe de ser tarefa fácil. O que quero dizer, é que aquele modelo de sucesso e felicidade, onde você só é “alguém na vida” quando estuda, (em média catorze anos da sua infância, adolescência e juventude), tem um emprego ótimo, uma família estável, como é típica em demonstrações de estilo de vida dos comerciais publicitários, está longe de trazer luz e orientação para o jovem, muito menos o satisfaz ou tem sentido para ele.

Os jovens são um grupo com uma diversidade gigantesca, que difere nas questões de gênero, etnia, classe social, etária e geográfica. Tratá-los como um grupo

² Acho necessário fazer uma diferenciação entre dois termos que são recorrentes em pesquisas sobre a juventude. O primeiro termo é **juventude**, que trata do conjunto das relações sociais que acontecem entre os jovens e os adultos. A união entre essas relações e a conjuntura histórica forma a condição juvenil de um determinado tempo, que tem sentido para além das diferenças nacionais, regionais, étnicas e de gênero. Todavia, essa condição juvenil é vivenciada de formas diferentes de acordo com o gênero, a classe, a etnia e a localidade, daí utiliza-se o termo **juventudes** (CHARLOT, 2011).

social uniforme e que tenha um único objetivo (ser adulto) é um grande erro para agentes que fomentam políticas públicas.

Por ser uma categoria real e ao mesmo tempo simbólica, é difícil delimitar um ordenamento cronológico³ para tratar a etapa que será estudada na dissertação.

Todavia, no período moderno, na burguesia urbana e, a seguir, nas outras camadas sociais, acompanhando a generalização e expansão da escolaridade, constitui-se e foi-se ampliando uma nova etapa da vida, entre o fim da puberdade e o momento em que o indivíduo tem acesso às posições pelas quais é definida a idade adulta na sociedade moderna: um trabalho, um domicílio diferente do de seus pais, uma família própria, com cônjuge e filhos. (CHARLOT, 2011, p. 204)

A partir dos 15 anos, o jovem tende ampliar a sua autonomia pessoal, alguns começam a trabalhar, as relações de amizade aumentam e não estão restritas à escola, embora ela continue como uma grande referência. Conforme os jovens vão ficando mais velhos, ganham autonomia em relação a sua família.

Ao mesmo tempo, no contexto social atual, a partir da significativa ampliação e diversificação dos lugares que socializa, os jovens circulam em outros espaços sociais, onde buscam afirmação de suas identidades com seus semelhantes.

A constituição de um grupo de pares é importante quando o jovem começa a se questionar sobre projeções futuras e a produção de sua identidade, que aparece mediada pelas relações sociais, para elaborar e organizar a visão de mundo do sujeito. Ela também pode ser definida como uma tensão existente entre o autorreconhecimento e o heterorreconhecimento. (CARRANO e DAYRELL, 2014).

A produção de uma identidade juvenil não é referida apenas por uma autoimagem. Os jovens procuram responder também à pergunta: para onde eu vou? Com isso, há um desafio, pois, a construção de um projeto de vida e de uma identidade, imersa numa sociedade em que a reversibilidade é constante e que tudo pode ser experimentado, além de mudanças constantes, abrem precedentes para uma vida de incertezas.

³ Porém, para fins da pesquisa eu usarei como delimitar etário o Estatuto da Juventude (lei 12.852) instituído em agosto de 2013, ela inicia com 15 anos e termina com 29 anos.

Por estar entre a infância e a vida adulta, a juventude é também considerada uma etapa transitória, mas não somente isso, pois tem características particulares que a distingue das demais etapas e essa distinção é construída em sociedade num determinado período de tempo.

Geralmente, nas revistas especializadas e em estudos sobre o tema, quando pesquisadores sociais se referem à categoria juventude, ela é identificada como um período que se interpõe entre a infância e a vida adulta e se distingue de ambas porque, por um lado, o jovem já não é mais criança, mas por outro lado, ainda não é um adulto. Desse modo, pode-se dizer que é um período destacado por aquilo que não é, daí a dificuldade de encontrar uma definição precisa para ela. (PIMENTA, 2007, p.68)

Essa organização diacrônica que temos das fases da vida pressupõe que todos os seres humanos passam, gradualmente, por certas etapas ao longo dos anos para conseguir a maturidade biológica e mental e como consequência a independência, seja ela econômica ou afetiva, em relação ao grupo de origem do indivíduo.

Fazendo uma analogia, gosto de pensar que nessa proposição a vida parece um jogo de videogame, onde o indivíduo tem que passar por certas fases, que devem ser vencidas para atestar a sua aptidão para a próxima etapa para então atingir o objetivo.

Obviamente ao pensar assim, perde-se o efeito do social na vida das pessoas. Afinal numa sociedade desigual como a nossa, nem todos iriam partir de um mesmo ponto para conseguir tal objetivo e além disso nem todas as pessoas têm o mesmo objetivo na vida.

Ademais tem um agravante: ao pensar dessa forma nos leva ao erro de que a complexidade da vida humana se dá de uma única forma, em uma linha reta, e de forma irreversível. E que o único futuro possível é ser tornar alguém que alcançou a maturidade e a independência, ou seja, ser adulto.

Desse ponto de vista, o curso da vida humana é visto, portanto, como sendo constituído por uma série de processos de transição que, ao longo do tempo, se manifestam como diferentes etapas. Em todas as sociedades, esses processos estão sujeitos a definições culturais, que marcam os limites e a extensão de cada fase, designando tanto as características básicas, como o significado de cada faixa etária. A cada

uma, portanto, estão associadas delimitações, normas e valores, que regem as relações entre as diferentes gerações e formam a base para o exercício de diferentes papéis sociais. (PIMENTA, 2007, p.70)

Dessa forma, a juventude seria uma etapa da vida mais próxima ao propósito “ideal” e experimenta com maior intensidade as possibilidades da vida adulta. Assim ela se torna uma ótima categoria para pesquisar, pois é nela que podemos perceber os ritos de passagem e a construção social do que é ser adulto numa determinada sociedade.

A juventude, além dos contornos simbólicos, ganha contornos biológicos, pois o corpo está começando finalizar o seu processo de maturação, e contornos jurídicos, quando, em algumas sociedades, fica explícito a possibilidade de experimentação de alguns aspectos do mundo adulto (como a possibilidade de ter crédito em bancos, tirar carteira de motorista, possibilidade de casar sem o consentimento da família, etc.)

O processo de transição para vida adulta feito pelos jovens tem ocupado cada vez mais espaços nas pesquisas da Sociologia da Juventude. Desde meados do século XX muitos perceberam que as fronteiras entre os jovens e o mundo adulto estão cada vez mais fluídas e que os ritos de transição não têm sido tão bem delimitados quanto antes e às vezes ocorrendo mais de uma vez na trajetória juvenil.

Para alguns autores, a juventude passou a ser um momento da vida incerto e cheio de inseguranças. Os jovens começaram a viver o presente estendido, um “lapso temporal suficientemente breve para não fugir ao domínio humano e social, mas também suficientemente amplo para consentir alguma forma de projeção para além do tempo” (LECCARDI, 2005, p.45). Esse é um momento onde os jovens exercitam a sua inserção social e ao mesmo tempo discutem sobre os direitos de vivenciarem e constituírem a sua identidade.

Essas incertezas que cerceiam a juventude começam a ser percebidas pelos pesquisadores no final da década de 1960 e se intensificou com a crise do petróleo na década de 1970. (NOVAES, 2007)

O final do século XX é marcado por muitas transformações no âmbito da economia. A internacionalização da divisão internacional do trabalho, o ápice do processo de globalização, novas relações com os processos produtivos, etc., afeta diretamente as relações juvenis.

1.1 Os processos de transição para a vida adulta

Na última década do século XX, os jovens começaram a ser o alvo da agenda de políticas públicas na América Latina, principalmente após a ONU considerar o ano de 1985 como o Ano da Juventude. A questão é que os jovens começaram a demonstrar e a denunciar, a partir de sua existência, os problemas sociais do continente americano, mas não foi somente desse continente, no mundo todo.

Aqui no Brasil, as políticas públicas tinham como objetivo a diminuição da pobreza e geração de renda. Nesse momento os jovens começam a ser vistos como parte da questão social vigente e público alvo de diversas ONG 's.

Para conter a violência e o desemprego, estes Projetos tinham como objetivos “ressocializar”, “promover o retorno aos bancos escolares”, “capacitar para o trabalho”, “inserir os jovens em dinâmicas de integração social”, “fomentar o protagonismo e o voluntariado juvenil”, “aumentar a autoestima”. Neste contexto, a palavra *cidadania* se fazia presente e evocava a ideia de protagonismo juvenil. (NOVAES, 2013)

Regina Novaes (2013) nos mostra como esses jovens frutos desses projetos sociais foram importantes para a institucionalização de alguns espaços de valorização da cultura juvenil, pois após esse processo de protagonismo muitos “jovens de Projeto”⁴ participaram de iniciativas municipais de criação de espaços de juventude”.

Mesmo que as políticas públicas destinadas aos jovens na década de 1990 tiveram momentos de interrupções também tiveram boas consequências, pois esses “jovens de Projeto” entraram em contato, via espaços de atividade cultural, com outros jovens de sua geração e até gerações mais novas e mudaram a noção de juventude

⁴ Para a autora, os jovens de Projeto são aqueles que integram o público alvo de projetos sociais em áreas pobres das cidades que são organizados por ONGs ou empresas, que tinham como mote a tentativa de ampliar o campo de possibilidades desses jovens, transformando-os em vetores da mudança de suas localidades e vidas.

“para além da condição de “estudante”, como também não ficasse circunscrita à preocupação com as situações desfavoráveis em suas localidades

No âmbito do consumo e da comunicação, “ser jovem” foi deixando de ser apenas o equivalente a “ser estudante”: a identidade juvenil começa a se deslocar para fora das universidades, estendendo seu alcance para além dos setores médios e abrangendo significações altamente ligadas ao consumo e aos estilos culturais. (NOVAES, 2013)

Dentro desse contexto, nas periferias urbanas iniciou-se um movimento de exaltação da cultura local nas expressões artísticas da comunidade. O samba ganhou mais espaço e passou ser celebrado o ano todo; os estilos musicais *soul* e *funk* surgem com novas “roupagens” aqui no país e começa a disputar espaço com os movimentos artísticos dominantes nos centros urbanos. Como exemplo, a Bossa Nova que tinha jovens cantores que majoritariamente eram moradores de bairros de elite cultural e econômica do país.

Esse contexto formou como se fosse um alicerce para que diversos movimentos de identidade juvenis surgissem trazendo à tona certas demandas desse público. Dentre as demandas temos: a questão do jovem indígena e a sua inserção numa sociedade mais interligada por causa novas tecnologias da informação; a discussão do feminismo e o surgimento de novas faces dentro desse movimento; a discussão sobre tratamento igualitário a partir da diversidade sexual e da identificação sexual; a questão do racismo em nossa sociedade; oportunidades igualitárias de jovens em contextos geográficos diferentes; a pauta ecológica, entre outras demandas.

Dessa forma, gosto de pensar que a partir desse momento houve uma certa democratização da participação juvenil na sociedade, pois

Se até os anos 1970, os atores juvenis estavam praticamente restritos aos jovens estudantes de classes médias e às juventudes partidárias, a chegada dos anos 1990 deu visibilidade para várias formas de movimentação entre jovens dos mais distintos setores sociais. Grupos, redes e movimentos juvenis que, de maneiras fluidas, horizontalizadas, dinâmicas e multicêntricas desenvolvem ações na dimensão da cidadania. (NOVAES, 2013)

Evidentemente os jovens, junto de ONGs e institutos de pesquisas, começam a disputar lugares onde ocorrem debates de causas que afetam diretamente suas vidas e também disputar inclusão em políticas públicas voltadas para os jovens, ou seja, os jovens começam um processo para serem percebidos enquanto sujeitos de direitos.

Os problemas e demandas da juventude se relacionam tanto com questões (re)distributivas mais gerais da sociedade excludente quanto com questões de reconhecimento e valorização de sua diversidade e, ainda, evocam a dimensão participativa que tem grande importância na fase da vida em que se busca a emancipação. (NOVAES, 2013)

Regina Novaes (2013) explica que as *demandas de distribuição* faz referência às dívidas sociais historicamente negadas a boa parte da população brasileira, como saúde, educação, condições decentes de trabalho, acesso e democratização dos aparelhos culturais e segurança; as *demandas por reconhecimento* que buscam a legitimação pelo poder público e pela sociedade civil de sua condição de jovem dotado de direitos; e *demandas de participação* que é imprescindível pois facilitaria o atendimento das demandas anteriores configurando um espaço de representação e deliberação das necessidade desses jovens, onde eles próprios podem ser protagonistas.

Em relação à escolarização e progresso, após a Segunda Guerra Mundial houve a formulação de uma teoria que tinha como premissa o investimento no trabalho humano que quando qualificado por meio da educação institucionalizada, era um dos mais importantes meios para a ampliação da produtividade econômica, e, portanto, fator para o desenvolvimento dos países que estavam se reestruturando após a guerra⁵.

A partir dessa teoria os Estados-nações passaram aumentar consideravelmente o investimento em saúde e educação e “vendiam” a promessa de desenvolvimento a partir do esforço individual, uma vez que todo investimento, em forma de políticas públicas, estava sendo feito.

Porém, na década de 1970, essa geração sai do sistema de ensino e se depara com uma realidade em que a falta de emprego é um fato social e juntamente estourou uma crise que aumentou significativamente os preços dos barris de petróleo, principal

⁵ Para mais informações ler SCHULTZ (1971) e FRIGOTTO (1995);

fonte econômica da época, que elevou o preço de produtos primários tornando os produtos industrializados mais caros, aumentando o custo da vida.

A passagem para vida adulta ocorria a partir de dois eixos. O primeiro era numa esfera privada, de foro mais íntimo, ligado à organização familiar do indivíduo e correspondia à saída do núcleo familiar para iniciar uma nova família. O segundo é numa esfera pública, a partir da escolarização e entrada no mundo do trabalho. (PIMENTA, 2007)

De certa maneira, essa transição ocorria com um relativo sincronismo, pois era esperado que ao terminar os estudos os jovens já estariam numa relação amorosa, com um emprego estável, já que tinha oferta de emprego, e se casariam. A transição durava menos tempo, pois o futuro era previsível, logo, a condição juvenil também era menor.

Obviamente tenho que fazer um recorte de classe nessa passagem. Essa experiência juvenil se dava nas camadas médias e altas da sociedade. Para as classes baixas existia pouca oferta de escolarização, empurrando desde muito cedo crianças e jovens para o mundo do trabalho, assim como o matrimônio era cada vez mais cedo.

Após a crise, os “rituais” de passagem levam mais tempo para acontecer. O processo de terminar os estudos, sair da casa dos pais para formar uma nova família e ter um emprego passam a durar mais tempo e com isso um novo modelo de transição surge⁶: o prolongamento da juventude.

Esse fenômeno caracteriza-se, por um lado, pelo “atraso” na passagem pelas etapas tradicionais de transição, que estavam ocorrendo em idades cada vez mais tardias e, por outro lado, pela progressiva “dessincronização” das etapas; ou seja, verificava-se a extensão do período de transição por uma série de etapas intermediárias, resultando no “prolongamento” do período em que permaneciam as condições características da fase de vida comumente atribuída à juventude. (PIMENTA, p.76, 2007)

Essa outra forma de transição apresenta dois aspectos muito importantes: a indeterminação e dessincronização das etapas.

⁶ Ressalto que esse novo modelo de transição não extinguiu o anterior. Apenas surge como uma outra forma de fazer a transição para a vida adulta. Mesmo nos tempos atuais percebe-se a predominância dessas duas formas, assim como outras.

A indeterminação está associada à origem social e o nível de formação educacional obtido e tem como característica a dificuldade em arranjar um emprego ou se manter nele para conseguir a independência financeira e sair da dependência familiar.

A dessincronização das etapas de transição está relacionado a um papel criativo dos jovens em testar novas possibilidades de transição, desse modo as etapas podem acontecer de maneira desconectadas, por exemplo, terminar os estudos, não querer casar e morar sozinho, ou morar com um companheiro que não necessariamente esteja casado, ou morar com uma pessoa e não querer filhos, entre outras possibilidades.⁷

Com esse prolongamento da juventude fica evidente uma mudança na forma como os jovens aprendem e apreendem os papéis adultos da sociedade. O que fora observado é que no começo do século passado a socialização acontecia a partir de uma modelo de identificação onde a assimilação era feita sem alterações drásticas nos valores e estatutos. Os jovens herdavam de seus pais os valores e pretendiam seguir, com pequenas modificações, o mesmo padrão.

Esse modelo mudou devido ao início de período de grande incerteza que até hoje aflige os jovens, para um “um modelo de experimentação, em que os jovens devem encontrar fora do quadro de referências familiares os elementos que lhes permitirão construir sua identidade e seu estatuto”. (Galland, 1990, 1995 *apud* Pimenta, 2007). Dessa forma, a visão da juventude é modificada, pois começa a se entender que ela é

[...] o resultado de um processo complexo de construção da identidade, feito de tentativas e erros, de aproximações sucessivas, em que a definição de si é construída na negociação com os demais atores institucionais. (PIMENTA, 2007, p.79)

Segundo PAIS (1990), “determinadas fases da vida apenas são reconhecidas [...] em períodos nos quais essas fases de vida são socialmente vistas como geradoras de “problemas sociais”. Esses “problemas sociais” vem muito de uma ordem de criação de expectativas da sociedade, em grande parte da família, em relação aos jovens. Ora, as gerações anteriores, em sua juventude, já tinham emprego e planejamento de uma

⁷ Para mais informações ler GALLAND

carreira de trabalho mais consolidada e com isso já tinham em mente o casamento e a própria moradia.

Para PAIS (1990) a juventude se torna problema social, na Europa, em meados da década de 60, quando perceberam que mesmo aumentando a escolarização juvenil, a taxa de desemprego entre os jovens aumentou significativamente nessa época.

Além de toda essa questão no mundo do trabalho, na esfera cultural a juventude também era causadora de problemas, pois na década de 1960 houve um momento de contestação muito forte em grande parte do mundo ocidental. Um exemplo foi o movimento hippie nos Estados Unidos e os protestos ocorridos em maio de 1968 na França.

Toda essa contestação juvenil abre espaço para a difusão da ideia equivocada que os jovens são problemáticos. E que até hoje está no senso comum dos adultos.

Esperava-se que o jovem terminasse os estudos básicos, adentrar, mesmo que precariamente, no mundo do trabalho, saísse de casa, forme uma nova família e esteja pronto para ser adulto. Entretanto, diversas pesquisas mostram que há um princípio de reversibilidade, onde as escolhas juvenis não são para sempre, há possibilidade de “voltar atrás” nas escolhas de sua vida.

Essas mudanças nas formas de vivenciar a condição juvenil também tem a ver com a percepção que, em teoria, os jovens ainda têm muito tempo ainda para experimentar. E as novas possibilidades, abrem precedentes para que os jovens usufruam desse tempo, de sua vitalidade. Por isso podemos

[...]pensarse como un período de la vida em que se está en posesión de un excedente temporal, de un crédito o de un plus, como si se tratara de algo que se tiene ahorrado, algo que se tiene de más y del que puede disponerse, que en los no jóvenes es más reducido, se va gastando, y se va terminando antes, irreversiblemente, por más esfuerzos que se haga para evitarlo. (MARGULIS e URRESTI)

A posse de um excedente temporal que faça os jovens experimentarem a vida em sociedade é chamado por esses autores como moratória vital. Uma característica comum

da juventude. Porém nem todos conseguem usufruir desse crédito temporal da mesma forma.

A moratória vital, que é mais aproveitada pelas classes mais abastadas e tende virar um comportamento a ser seguido por todos os jovens como o único modo de ser jovem.

Esse modo de vida se torna um padrão estético muito explorado pelo mercado simbólico e material, e torna a juventude um produto que por muitas vezes é consumido por grande parcela da sociedade mesmo não estando na faixa etária juvenil.

Ora, como vivemos em uma sociedade desigual as formas de desfrutar do crédito também não são as mesmas e sofrem mudanças a partir da posição que esse sujeito ocupa na pirâmide social.

Isso significa que não apenas as diferentes expressões juvenis serão objeto de processos diversos de legitimação e de hierarquização que as posicionarão em escala, de acordo com os espaços sociais de onde emanam, como também a possibilidade mesma de expressão (da "juventude") por parte dos jovens estará condicionada à posição social que estes ocupam. Estamos falando, aqui, de jovens com desiguais direitos de fazer uso e expressão de sua condição juvenil. Jovens sem direito à juventude. (PEREGRINO, 2001, p.280)

A possibilidade de conseguir se apropriar do crédito temporal, de expressar sua condição de jovem é legitimada pelas instituições sociais. Essa legitimação se dá a partir de um crédito que a sociedade oferece ao jovem postergando a sua entrada ao mundo adulto, onde o sujeito pode gozar de um maior tempo de experimentação de suas escolhas. Assim,

Moratória social faz referência, portanto, a um "tempo doado" pela sociedade para que seus jovens experimentem a condição adulta, permitindo-lhes então configurar trajetórias de inserção social com maior autonomia. (PEREGRINO, 2011, p.281)

Obviamente esse excedente temporal, ocasionado pelo aumento na instrução juvenil a partir do final do século XX, traz muitas expectativas dos jovens e para os

jovens, afinal é um investimento que a sociedade faz para que esses indivíduos possam devolver esse investimento em forma de trabalho.

É necessário deixar claro que não há um único padrão de ritos de passagem para a vida adulta. Muitos jovens vivenciam diversas formas de experimentar a total autonomia do grupo familiar a partir de suas ações na realidade social e é por isso que a transição é desigual pois depende de fatores externos para acontecer; a transição é marcada por momentos chaves que afetam o processo biográfico; e que ela pode ser delimitada em uma determinada idade. (PIMENTA,2007).

Assim como PIMENTA (2007) pretendia tratar da transição a partir das trajetórias dos estudantes que responderam minha pesquisa, fazendo uma correlação entre a pesquisa quantitativa e qualitativa, porém devido a diversas situações adversas ao longo da mesma, eu não conseguir ter acesso direto com os alunos que responderam o *survey*.

A partir de sua leitura de um grupo de pesquisa chamado EL GREJ, PIMENTA (2007) nos dá uma definição de itinerário ou trajetória, segundo ela

O conceito de itinerário ou de trajetória insere-se no de biografia e corresponde a uma seqüência estruturada de sucessos e resultados, de ordem familiar, educacional, laboral, cultural, e de perspectivas para o futuro, que situam as escolhas e as ações dos sujeitos no interior de um quadro de formas e modalidades sociais, estabelecendo uma relação entre a posição social e as realizações alcançadas por eles. Os itinerários são constituídos pelas realizações acumuladas até o presente e também pelas probabilidades de encaminhamento futuras. Portanto, as trajetórias de transição são condicionadas tanto por estruturas socioeconômicas e dispositivos institucionais, quanto pelas ações dos sujeitos. Estas, entretanto, não ocorrem no vazio, mas resultam da interação entre as expectativas de futuro, as estratégias, as tomadas de decisões e os usos particulares dos recursos sociais. (PIMENTA, 2007, p.83)

Essa concepção de transição a partir da trajetória leva em consideração o ator social, o agente, que faz as ações e sofre as consequências das mesmas nas suas interações com a sociedade. Desse modo o entendimento de transição se dá a partir do percurso biográfico do sujeito, colocando a sua trajetória como central na análise sociológica.

PIMENTA (2007) demonstra que essa perspectiva pretende romper com a visão de atraso ou prolongamento dos processos de transição para a vida adulta e nos mostra que diversos fatores são condicionantes para que os jovens se tornem adultos.

A transição para a vida adulta como um dos aspectos que também definem as juventudes está conectada ao *dever*, o tempo futuro. Uma preparação (ou experimentação) do que pode, ou não, acontecer na vida dos sujeitos.

É nessa transição que os projetos ganham espaço, pois é nesse momento que podem ser pensados e começam a ser executadas as estratégias para atingir uma determinada meta, a partir do campo de possibilidades que os agentes percebem.

Dessa forma, para entender os processos de experimentação da maturidade ainda sendo jovem é necessário partir do sujeito, do ator social que está imerso nesse processo. É necessário entender a sequência de escolhas e práticas que esse sujeito faz a partir de estruturas externas a partir de realizações acumuladas até o presente momento e a probabilidade de ação futura.

1.2 Tempo e projetos

Diante do processo de globalização muito beneficiado pelo crescimento do acesso às redes de conexão mediadas pela internet, as sociedades atuais têm compartilhado diferentes formas de interação entre grupos distintos, que até então não se relacionavam. Essa interação, aumentada exponencialmente e própria dos tempos atuais, reflete diretamente a problemática na construção dos projetos dos indivíduos pois

Os indivíduos modernos nascem e vivem dentro de culturas e tradições particulares, como seus antepassados de todas as épocas e áreas geográficas. Mas, de um modo inédito, estão expostos, são afetados e vivenciam sistemas de valores diferenciados e heterogêneos. Existe uma mobilidade material e simbólica sem precedentes em sua escala e extensão. (VELHO, p.39, 1994)

A partir das dinâmicas sociais e buscando alcançar um determinado objetivo vindouro utilizamos de um mecanismo em que as ações racionalizadas são mais

utilizadas, em detrimento das ações mais espontâneas, mesmo que a primeira seja a que trará menos ganhos subjetivos. Esse mecanismo

[...] denominado “diferimento das recompensas” – a repressão dos impulsos hedonísticos, a determinação de adiar para um tempo vindouro a satisfação possível que o tempo presente pode garantir, em vista dos benefícios que esse adiamento torna possíveis – estava na base dos processos modernos de socialização. (LECCARDI, 2005, p.35)

Dessa forma pode ser entendido que o presente é um instrumento para o futuro. Ou seja, é necessário pensar bem o que fazer hoje porque interferirá no amanhã. Esse tipo de pensamento está presente no imaginário coletivo no Brasil. Quem nunca ouviu o ditado “você colhe aquilo que você planta” ou “cada um colhe aquilo que planta”?

Esse tipo de conselho é dado para muitos jovens quando estão pensando no que fazer da vida. Afinal, no senso comum é muito forte a representação da juventude como uma fase de transição que prepara esse sujeito para a vida adulta, jogando nesse jovem toda a responsabilidade de suas ações e das reações dessas ações.

Logo,

[...] se o futuro é considerado a dimensão depositária do sentido do agir; se é representado como o tempo estratégico na definição de si, o veículo pelo qual, em direta ligação com o passado, a narração biográfica toma forma, o diferimento da recompensa pode, então, ser aceito. Nessa perspectiva, o futuro é o espaço para a construção de um projeto de vida e, ao mesmo tempo, para a definição de si: projetando que coisa se fará no futuro, projeta-se também, paralelamente, quem se será. (LECCARDI, p.36, 2005)

Óbvio que essa representação coloca todo o sucesso, ou fracasso, no indivíduo, mas será que é só pela dimensão subjetiva que se pode captar o futuro desse jovem? Ou a dimensão social com suas mudanças abruptas de organização causando incertezas, diz muito sobre como será o futuro desse jovem?

1.2.1 O tempo futuro

A noção de tempo, e conseqüentemente de futuro, que temos atualmente é fruto de várias mudanças que ocorreram na história da humanidade. Segundo LECCARDI *apud* ELIAS o tempo é uma “dimensão social que muda com a sucessão das gerações, de acordo com seus diferentes *habitus*, com as diferentes condições de desenvolvimento das sociedades nas quais elas vivem.” (p.37, 2005)

Nas sociedades mais antigas não havia uma concepção linear do tempo. O tempo era como um ciclo onde o passado e futuro estavam sempre se encontrando, onde “o que foi será novamente, apenas um intervalo mais ou menos longo separa passado e futuro” (LECCARDI, p.39, 2005). O ritmo da vida era regido pelas estações do ano, a maré do mar, as fases da lua, entre outros elementos da natureza que eram provisão divina.

Com o advento e a difusão do cristianismo, essa percepção cíclica muda para uma percepção linear onde o tempo é um fluxo contínuo. Um fluxo ainda concebido por um ser divino, que no caso é Deus. O passado, o presente e o futuro estão num mesmo plano, “a concepção cristã afirma que o que ocorre no tempo acontece apenas uma vez, é algo único e carregado de significado”(LECCARDI, 2005). As ações humanas no presente serão recompensadas ao final do seu tempo terrestre.

Entre os séculos XVII e XVIII, houve um grande movimento de secularização dos aspectos sociais, trazendo à questão o ser humano, ou seja, o discurso não tinha mais como centro do debate um ser divino dotado de todas potências, acima da razão e da emoção. O debate era centrado no indivíduo, no sujeito que usa a razão para saber a “verdade do Universo”.

O tempo continua vetorial, linear, porém lhe é retirado a qualidade de divino e é impresso uma qualidade condicionante para o progresso. Com a diminuição da manufatura e surgimento de máquinas que auxiliam no trabalho, o tempo linear da concepção judaico-cristã é englobado em uma concepção de mundo radicalmente diferente, secularizada. O progresso (mundano) toma o lugar da perfeição (espiritual).”(LECCARDI, 2005, p.41)

O futuro também deixa de ser algo divino ou provido da natureza, ele passa ser algo pensado e organizado a partir das ações humanas para conseguir o progresso. O futuro ganha um *status* de algo a ser explorado, algo novo e por isso incerto, agente provedor do progresso, que é conquistado a partir das ações do presente. O futuro passa a ser considerado aberto e irreversível.

A partir da segunda modernidade⁸, o futuro ganha novos contornos. É evidente que na atualidade vivemos num planeta com grandes riscos, como por exemplo, a crise ambiental, crises políticas em vários países, crises econômicas internacionalizadas, novas formas de organização do trabalho abrindo margem para subocupação, entre outras.

Dessa forma, o futuro aberto deixa de ser algo desejado ou algo que pode ser controlado. As incertezas desse futuro passam a ser objetos de temor dos indivíduos.

Convém deixar claro que esse temor provém de riscos humanamente produzido, logo são consequências de dois séculos dessa ideologia do progresso, de um futuro aberto onde a inovação é um “fetiche” das classes dominantes, embora atualmente esse ideal ganhou novas roupagens

O futuro foge de nosso controle, com repercussões profundas nos planos político e social. A nova realidade produzida pela difusão de riscos globais transforma o futuro da terra prometida num cenário pintado com tintas foscas, se não abertamente ameaçadoras, para a existência coletiva.

[...]

A idéia de futuro a que conduzem é, portanto, não determinada e, ao mesmo tempo, marcada por um sentimento difuso de alarme, associado a uma sensação de impotência. (LECCARDI, 2005, p.44)

⁸ “A segunda modernidade, pelo contrário, a modernidade contemporânea, filha do sucesso da modernização, parece cada vez mais governada por processos como a intensificação da globalização e dos mercados globais, o pluralismo dos valores e das autoridades, o individualismo institucionalizado. No plano cultural, parecem favorecidas as formas de identidade compósita, nas quais elementos globais e locais se misturam, impondo a convivência conflituosa entre diferentes imagens de si, as “identidades cosmopolitas” . (BECK, 2004 *apud* LECCARDI,2005)

[...] essa modernidade caracteriza-se por uma dimensão de riscos globais: crise ambiental, terrorismo internacional, ameaças econômicas (mas também, por exemplo, sanitárias) de tipo planetário, novas modalidades de desigualdade social, a partir do empobrecimento crescente de áreas cada vez mais vastas do planeta, e, associadas a essa última, novas formas de subocupação com reflexos devastadores no plano existencial.” (LECCARDI, p.43, 2005)

Não obstante, em meio uma sociedade fatalista, onde a qualquer momento o mundo tem a possibilidade de entrar em colapso, a temporalização, ou seja, a forma de entender e perceber o tempo tende a ser/estar fragmentado.(LECCARDI, 2005)

O futuro também passa ser algo indeterminado e ao mesmo tempo indeterminável tamanho os riscos e com isso há um impedimento na “construção de narrativas biográficas nas quais um evento qualquer apareça relacionado a um outro e seja capaz, de modo inteligível, de condicioná-lo.” (LECCARDI, p.45, 2005)

Como consequência, o presente pode ser a única dimensão temporal que pode ser acessada com o mínimo de aflição pelos jovens. O futuro se torna o espaço temporal pouco funcional e disponível para construção das trajetórias juvenis e com isso abre espaço para um *presente estendido*.

Por presente estendido LECCARDI, 2005 explica como

[...] o espaço temporal que bordeja o presente, adquirindo um valor crescente, paralelamente à aceleração temporal contemporânea, favorecida pela velocidade dos tempos tecnológicos e pela exigência de flexibilidade que é seu corolário.

Ou seja,

[...]o lapso temporal suficientemente breve para não fugir ao domínio humano e social, mas também suficientemente amplo para consentir alguma forma de projeção para além no tempo.Nos quadros temporais de fins do século XX, em suma, o presente (ora mais, ora menos estendido) aparece como a única dimensão temporal disponível para a definição das escolhas, um verdadeiro horizonte existencial que, em certo sentido, inclui e substitui futuro e passado.

Nessa perspectiva ficaria difícil conceber que os jovens possam produzir um projeto de futuro, de médio ou longo prazo, para si. Mas será que os jovens tendem a não pensar em seus futuros por causa das incertezas da vida? Ou será que os jovens mesmo com as incertezas procuram estabelecer objetivos a longo prazo?

A autora traz para explicar como seria atualmente a construção dessas novas formas de trajetórias biográficas o conceito de *bricolage* presente na obra de Lévi-Strauss e evidencia que não é necessário que as trajetórias juvenis tenham de início uma

intenção clara. O jovem vai se apropriando dos recursos que lhe são ofertados e vai se adaptando a essa novos matizes da dinâmica em sua vida. “O resultado final pode facilmente ser estranho à intenção inicial. Em certo sentido, o bricoleur – guiado por uma lógica essencialmente “prática” – personifica a separação entre racionalidade e intencionalidade.” (LECCARDI, 2005, p.46)

Entendo que mesmo com essa nova dinâmica social onde a imprevisibilidade é a única certeza que temos eu ainda acho que essa perspectiva pode retirar a dimensão participativa e autônoma do sujeito, uma vez que o jovem se torna um receptor das expectativas e um executor de ações que vão aparecendo para superar as expectativas sobre ele.

Parece-me muito a figura de um malabarista que inicia o processo com três bolas e progressivamente vai sendo acrescentado diversos outros objetos, uma bola de vôlei, uma bola de basquete, um prato, uma tesoura, um caderno, um *notebook*, alguns livros, um bebê, etc e esse malabarista tem que se organizando e elaborando novas estratégias a cada nova dificuldade.

1.2.2 Projetos e futuro

Discordo dessa dimensão tão objetivista da ação e para isso utilizo os pressupostos da teoria Bourdieusiana para mostrar que cada agente, a partir da posição que ocupa na sociedade vivencia uma infinidade de experiências que estruturam a sua subjetividade formando uma base de percepções e julgamentos que dão o norte para as ações do agente. Porém essa base estruturante, chamada *habitus* não é inflexível, pois tem a chance de ser reestruturada e reorganizada pelo agente. (NOGUEIRA, 2017) fazer uma discussão maior sobre habitus como Llli pediu

Não é imprescindível que as ações do indivíduo tenham relação com o grupo social de sua origem. Em nossa sociedade complexa, à medida que os indivíduos vão se tornando sujeitos, sua relação com as instituições tradicionais da sociedade vão sendo alteradas e novas formas de sociabilidade vão emergindo. Isso não quer dizer que as referências tradicionais, como a família, a religião, a escola entre outras instituições, se perdem, mas são redefinidas a partir das ações do sujeito.

Gilberto Velho (1994), mostra que existem quatro formas de ação. A primeira é a adesão total e intensa a ordem de valores que esteja sendo experimentada, podendo ser reversível; a segunda é transitar entre diferentes estilos de vida, talvez buscando uma certa associação entre esses estilos de vida; A terceira é ter uma postura que demonstra certa indiferença e certo distanciamento entre os de sociabilidades presente na sociedade complexa; e por último tomar uma postura cética em relação a todo processo de (res) significação da sociedade moderna.

As ações realizadas pelos sujeitos são constituintes de um processo de construção e reconstrução de sua identidade. Nas sociedades modernas, há um processo de individualização onde ficam mais evidentes as escolhas individuais sendo mais fácil nos atentar à construção biográfica. Dessa forma,

A trajetória do indivíduo passa a ter um significado crucial como elemento não mais contido mas constituidor da sociedade. É a progressiva ascensão do indivíduo psicológico, que passa a ser a medida de todas as coisas. Nesse sentido a *memória* (grifo do autor) desse indivíduo que se torna socialmente mais relevante. Suas experiências pessoais, seus amores, desejos, sofrimentos, decepções, frustrações, traumas, triunfos, etc são o marco que indicam o sentido de uma singularidade enquanto indivíduo, que é constantemente enfatiza. Carreira, biografia e trajetória constituem noções que fazem sentido a partir da eleição lenta e progressiva que transforma o indivíduo biológico em valor básico da sociedade ocidental moderna. (VELHO, p.100, 1994)

Os sujeitos tendem a organizar suas ações e por isso traçam “uma conduta organizada para atingir finalidades específicas” (VELHO, 1994 *apud* SCHUTZ, 1979, p.101), produzindo, assim, seus projetos.

Os projetos não necessariamente estão imbricados numa prerrogativa individual, pois grupos sociais também podem elaborar projetos. Um exemplo de projeto coletivo é quando uma família se organiza financeiramente e resolve pagar uma determinada escola ou um curso para os filhos, pretende ter como retorno uma certificação para distinguir os filhos do restante da sociedade e com isso eles possam entrar no mundo do trabalho formal.

O projeto coletivo pode surgir a partir de uma demanda da sociedade num espectro mais amplo, como por exemplo o envolvimento de jovens nos debates sobre a construção da identidade nacional no começo do século XX.

É importante ressaltar que a memória é um fator importante na construção dos projetos, pois

A consistência do *projeto* depende, fundamentalmente, da *memória* que fornece os indicadores básicos de um passado que produziu as circunstâncias do presente, sem a consciência das quais seria impossível ter ou elaborar *projetos*. (VELHO, 1994, p.101) (grifos do autor)

Ou seja, podemos pensar que as experiências vividas de um sujeito é um instrumento a ser utilizado para estabelecer ações futuras para um determinado fim.

A memória por ser percebida pelo indivíduo de forma fragmentada sua constituição de identidade de uma sujeito depende muito da formulação de seus projetos, o movimento de prospecção, voltada para frente, ajuda na suplementação dessas lacunas da memória. (WAGNER *apud* VELHO, 1994)

Ao ter acesso a elementos retrospectivos e prospectivos de um determinado sujeito, pode-se localizá-lo dentro de sua conjuntura sociocultural, demonstrando suas motivações e interpretações do mundo à sua volta. A articulação entre projeto e memória dão significações às ações dos sujeitos, que por sua vez, são elementos constitutivos da identidade (VELHO, 1994).O projeto passa a ser um instrumento de negociação da realidade, funcionando como um meio de informar ao mundo os interesses, os objetivos, sentimentos e aspirações.

A construção da identidade depende da relação do projeto do sujeito com a dinâmica do mesmo na sociedade. E numa sociedade fragmentada, incerta e com uma multiplicidades de motivações, como a nossa, a produção de múltiplos projetos é um dado real, o que pode acabar gerando conflitos e contradições nas ações dos sujeitos. Em função disso

[...] o projeto é dinâmico e é permanente reelaborado, reorganizando a memória do ator, dando novos sentidos e significados, provocando com isso repercussões na sua identidade. Assim a biografia, valorizada ao extremo em um mundo individualista, está sujeita a periódicas revisões e interpretações. (VELHO, p.104, 1994)

À primeira vista, o conceito de projeto pode nos levar a uma visão reducionista da ação, onde o sujeito planeja as suas ações sem qualquer interferência da sociedade, depositando assim toda responsabilidade no indivíduo. Porém, os projetos são resultados de uma deliberação consciente a partir da internalização das condições que cercam o sujeito.

Ao internalizar as circunstâncias que estão no exterior, o sujeito reconhece as limitações e o alargamento de suas possibilidades de ação. Surge, assim, a noção de campo de possibilidades, como um conceito que nos ajuda compreender a área de atuação do sujeito a partir das suas condições reais, além de não deixar que a análise das ações do indivíduo recaia sobre uma tendência racionalista.

Para Gilberto Velho (1994), o campo de possibilidades é o “[...] espaço para formulação e implementação de *projetos*”. (Grifo do autor). Ou seja, a família, escola, trabalho, espaços de lazer podem ser considerados campo de possibilidades onde os sujeitos atuam com uma certa obrigatoriedade, entendendo as regras do “jogo social” e percebe a viabilidade de outras ações.

Porém o campo de possibilidades não é somente um espaço onde os projetos são construídos e colocados em prática. Se apropriando de Elias, TAVARES explica que os

[...]conjuntos das relações sociais intercambiáveis dos moradores com o mundo social mais amplo. são as relações sociais que conformam espaços- situações em movimento, maleáveis, que abrem e fecham saídas, conectam e desconectam pessoas e lugares de acordo com as relações de interdependências incessantes entre as pessoas e o mundo que as cercam. (TAVARES, 2007)

Dessa forma posso intuir as estratégias que os jovens elaboram seus projetos, a partir da percepção das condições reais de sua existência, para conseguir a independência emocional e econômica de seu grupo de origem, pois

As trajetórias dos indivíduos ganham consistência a partir do delineamento mais ou menos elaborado de *projetos* com objetivos específicos. A viabilidade de suas realizações vai depender do jogo e interação com outros *projetos* individuais ou coletivos, da natureza e da dinâmica do *campo de possibilidades*. (VELHO, 1994, p.47)

A partir dos primeiros espaços sociais de socialização (família, escola e religião), que alargam ou mantêm estático o campo de possibilidade, os jovens constroem seus projetos para o futuro.

Esses projetos podem ser pensados para um curto, médio ou longo prazo. Geralmente esses projetos de futuro envolvem estabelecer estratégias para a obter fontes de renda e conseguir a tão sonhada independência financeira. Mas de que formas, no horizonte dos jovens, a obtenção da independência financeira ocorre?

Atualmente existem uma variedade de formas de conseguir um emprego que não é necessário ser formal. Para além dos camelôs, e graças ao aumento do acesso a internet e a proliferação de diversas redes sociais, a informalidade tem ganhado novas configurações. Um exemplo são os *youtubers* e os influenciadores digitais que ganham seu dinheiro a partir do processo de monetização. Nesse caso, o mercado simbólico vem se transformando e cada vez sendo utilizado para a obtenção do capital econômico.

Nos próximos capítulos tentarei ver quem são esses estudantes na qual eu pesquiso, fazendo os seus perfis socioeconômicos para entender as escolhas que farão para seus futuros quando acabarem o ensino médio na modalidade educação de jovens e adultos, mesmo com os riscos eminentes em nossa sociedade.

E além disso, entender que mesmo estando numa sociedade de crises consecutivas, os jovens conseguem vislumbrar um futuro que não seja imediato. Um futuro planejado e calculado a partir de um projeto. De certo, a escolarização e o trabalho terão papel importante nessa construção de um futuro.

Afinal, esses estudantes, em 2016, vem de 13 anos de políticas públicas voltadas para eles que ampliaram seu campo de possibilidades mesmo que essas incertezas não tivessem diminuído, mas possivelmente era percebida mais brandamente.

2. O município de Duque de Caxias e o banco de dados

Nesse segundo capítulo pretendo fazer uma panorama geral sobre a localidade e a modalidade de ensino na qual faço a minha pesquisa e demonstrarei o perfil geral dos alunos que responderam ao *survey*, que gerou o banco de dados que eu utilizo, e uma contextualização sobre o município de Duque de Caxias.

2.1 A Educação de Jovens e Adultos no estado do Rio de Janeiro

Falar sobre a Educação de Jovens e Adultos no nosso país, e acredito que em outros países latinos também, é tratar de pessoas que não acessaram à escolarização na idade correta, configurando uma distorção idade-série, por diversos motivos, porém retornam ao sistema educacional para concluir alguma etapa de ensino.

Trata aqui de uma negação, ou obstrução, ao direito à educação. Evidentemente essa condição é vivenciada por sujeitos pertencentes às frações mais empobrecidas, economicamente, da sociedade.

Como todas as oposições [alfabetizado - não-alfabetizado; escolarizado - não-escolarizado; leitor - não-leitor; incluído - excluído] dizem respeito a uma construção social conhecida como *direito à educação* - forma pela qual o conhecimento é alcançado, por meio de uma sistema codificado, tornado bem cultural simbólico das civilizações - ter acesso, ou não a esse bem constitui o *direito* e, por oposição, não ter acesso, o *não-direito*, frequentemente traduzido como exclusão/apartação, por não ser ele direito natural, mas construção social. (PAIVA, p.29, 2006)

Essa oposição ter direito/não ter direito é também constituinte de uma identidade social dos sujeitos, aproximando-os e/ou afastando-os, pois essas condições sociais categorizam as posições que essas pessoas ocupam na nossa sociedade grafocêntrica, capitalista, dividida em classes sociais (PAIVA, 2006).

Historicamente, o direito à educação nem sempre foi assegurado pelo Estado brasileiro. Em diversos momentos na história da educação brasileira a sociedade civil teve que assegurar a escolarização dessas pessoas que não frequentaram a escola no momento da vida que era esperado.

Aqui no estado do Rio de Janeiro a preocupação em criar uma proposta pedagógica específica para a Educação de Jovens e Adultos para o nível médio é recente, tendo em vista que a Lei 9394, com um capítulo tratando dessa modalidade de ensino, foi promulgada em 1996 e quatro anos depois a aprovação do Parecer 11/2000 feito pelo Conselho Nacional de Educação.

Somente em 2013, com a Resolução 4951, foi feita uma legislação estadual que organizou a EJA-ensino médio no estado, implementando a Nova EJA (NEJA). Essa resolução foi revogada em 2015 reorganizando o sistema de ensino público estadual alicerçado pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

A criação da Nova EJA surge em um momento em que organismos internacionais estavam observando os índices educacionais de diversos países que estavam em desenvolvimento, dentre eles o Brasil. E a própria sociedade brasileira estava questionando o ensino público devido aos resultados desfavoráveis do estado do Rio de Janeiro do recém criado Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb).

O Rio de Janeiro, em 2009, ocupava a 26ª do ranking nacional e estabeleceu como meta audaciosa que pretendia, em um pequeno espaço de tempo, ser referência nacional. O que acabou conseguindo, pois no ano de 2013 conseguiu ficar em 4º lugar no ranking nacional. (VENTURA, p. 17, 2016)

Para conseguir esse salto tão grande de “qualidade” o estado elaborou algumas políticas,

Dentre elas, a Gestão Integrada da Escola (GIDE), produzida pelo governo do Estado do Rio de Janeiro, que encampa o plano de metas para a educação pública fluminense; indicando que, através do Planejamento Estratégico, alcançaria os índices necessários para situar o Estado do Rio de Janeiro entre os primeiros no ranking nacional até o ano de 2014. Para tal, baseado no mesmo vértice das reformas gerenciais do Estado que ocorreram ao longo da década de 1990 no Brasil, a GIDE enquanto política de gestão que tem como embrião o Sistema de Gestão Integrada, baseia-se no Índice de Formação de Cidadania e Responsabilidade Social do Rio de Janeiro (IFC/RJ), que oferece a escola possíveis diagnósticos para a obtenção de melhores resultados, segundo as ações esperadas pela secretaria para a ampliação de seu aproveitamento. Dentre suas preocupações, destacam-se os resultados das avaliações — internas e externas à unidade escolar, assim como o índice fluxo escolar, convergindo ao discurso meritocrático — após a instituição/revisão da política de bonificação. (ANDRADE, p.37, 2014)

A Nova EJA é predominantemente presencial ofertada nas escolas estaduais da rede e foi criada a partir dos princípios de elevação da qualidade da educação estadual a partir dos índices estabelecidos pela Secretaria. Ela é organizada em 4 módulos que tem duração de seis meses cada. Os módulos têm uma carga horária de 420 horas, exceto o módulo III que possui 460 horas, totalizando um total de 1720 horas. As disciplinas são organizadas intercaladas de acordo com a área de conhecimento e a língua estrangeira é obrigatória e o ensino religioso é facultativo. Conforme o quadro abaixo retirado da Resolução 5.330/15:

MATRIZ CURRICULAR EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS - ENSINO MÉDIO

SÉRIE	ÁREA DE CONHECIMENTO	COMPONENTE CURRICULAR	CARGA HORÁRIA SEMESTRAL
MÓDULO I	MATEMÁTICA	MATEMÁTICA I	80
	CIÊNCIAS HUMANAS	FILOSOFIA I	40
		GEOGRAFIA I	80
		HISTÓRIA I	80
		SOCIOLOGIA I	40
	LINGUAGENS	LÍNGUA PORTUGUESA / LITERATURA I	80
	ENSINO RELIGIOSO	ENSINO RELIGIOSO	20
CARGA HORÁRIA TOTAL DO MÓDULO			420
MÓDULO OI	CIÊNCIAS DA NATUREZA	BIOLOGIA I	80
		FÍSICA I	80
		QUÍMICA I	80
	MATEMÁTICA	MATEMÁTICA II	80
	LINGUAGENS	LÍNGUA PORTUGUESA / LITERATURA II	80
	ENSINO RELIGIOSO	ENSINO RELIGIOSO	20
CARGA HORÁRIA TOTAL DO MÓDULO			420
	MATEMÁTICA	MATEMÁTICA III	80
		FILOSOFIA OI	40

MÓDULO III	CIÊNCIAS HUMANAS	GEOGRAFIA II	60
		HISTÓRIA II	60
		SOCIOLOGIA II	40
	LINGUAGENS	EDUCAÇÃO FÍSICA	40
		LÍNGUA ESTRANGEIRA OPTATIVA	40
		LÍNGUA PORTUGUESA / LITERATURA III	80
	ENSINO RELIGIOSO	ENSINO RELIGIOSO	20
CARGA HORÁRIA TOTAL DO MÓDULO			460
MÓDULO IV	CIÊNCIAS DA NATUREZA	BIOLOGIA II	60
		FÍSICA II	60
		QUÍMICA II	60
	MATEMÁTICA	MATEMÁTICA II	80
	LINGUAGENS	ARTE	40
		LÍNGUA ESTRANGEIRA OBRIGATÓRIA	40
		LÍNGUA PORTUGUESA / LITERATURA IV	80
ENSINO RELIGIOSO	ENSINO RELIGIOSO	20	
CARGA HORÁRIA TOTAL DO MÓDULO			420
CARGA HORÁRIA TOTAL			1720

Como já foi mencionado, a NEJA é formada por quatro módulos que têm duração de seis meses cada. 50% dos estudantes que responderam ao *survey* estavam no último módulo, portanto eram concluintes. Abaixo construí um quadro que mostra a quantidade de estudantes em cada módulo nas escolas que participaram da pesquisa.

Quantidade de alunos em cada módulo		
	Frequência	Porcentagem
Módulo 2	27	12%
Módulo 3	72	33%
Módulo 4	109	50%
NR	9	4%
Total	217	100%

2.2 O município de Duque de Caxias

O município é localizado na região metropolitana da cidade do Rio de Janeiro, numa região conhecida como Baixada Fluminense. As duas principais rodovias federais do estado do Rio de Janeiro, a Rodovia Presidente Dutra (BR 116) e a Avenida Brasil (BR 101), ficam nos arredores da cidade e a BR 040 (Rodovia Washington Luís) corta o município de uma ponta a outra. A cidade de Duque de Caxias faz divisa com os municípios de: Belford Roxo, Magé, Miguel Pereira, Nova Iguaçu, Petrópolis, Rio de Janeiro e São João de Meriti.

Segundo o censo de 2010 feito pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), o município tem uma área total de 467,319 km². Na comparação com todos os municípios do estado do Rio de Janeiro, Duque de Caxias é o 34^o maior e ao comparar com municípios da Região Metropolitana, ele fica em 3^o lugar.

O município tem uma importância histórica na região, pois abrigava boa parte dos engenhos de cana de açúcar e durante o “Século do Ouro”, com a diversidade de rios que passam pela cidade e desembocam na Baía de Guanabara transformou a cidade num lugar estratégico para o escoamento do ouro que vinha de Minas Gerais tornando a região o mais importante caminho, na região, de ligação entre essas as duas áreas.

Segundo o CEPERJ (Centro Estadual de Estatísticas, Pesquisas e Formação de Servidores Públicos do Rio de Janeiro), no ano de 2017, Duque de Caxias ocupava o segundo lugar no *ranking* de participação no PIB (Produto Interno Bruto) do estado do

Rio de Janeiro com 6,1%, ficando atrás somente da capital, que detinha 50% da participação no PIB.

Segundo o censo, a economia do município tem importante participação de dois setores: Serviços, que corresponde a 73% do PIB e Indústrias, que corresponde a 26%. A renda *per capita*, em 2017, do município foi de R\$45.894,84.

Em comparação com o estado do Rio de Janeiro, o município ocupa o 17º lugar no *ranking* de maior PIB *per capita* e se for comparar na região metropolitana, o município está em 4º lugar.

A população caxiense, que segundo o censo de 2010 era 855.048 pessoas, mas o IBGE estima que em 2019 chegou à quantidade de 919.596 pessoas, é distribuída em 41 bairros e quatro distritos. O bairro de maior população é Gramacho, no primeiro distrito, e o bairro de menor população é Lamarão, no quarto distrito, segundo dados da Prefeitura.

Da população total do município, 51,9% são mulheres (443.974 mulheres) e 48,1% são homens (411.074 homens). A população jovem no município de Duque de Caxias representa 26% (219.901 jovens) da população total.

Tabela comparativa de jovens - Baixada Fluminense ⁹		
	População	Jovens
Duque de Caxias	855.048	219.901
Belford Roxo	469.332	121.123
Nova Iguaçu	796.257	202.630
São João de Meriti	458.673	114.468
Nilópolis	157.425	37.769
Mesquita	168.376	41.559
Queimados	137.962	36.225
Japeri	95.841	26.923

⁹ A noção de Baixada Fluminense apresenta muitas interpretações. Em alguns lugares, os municípios de Itaguaí, Magé, Guapimirim e Seropédica pertencem à Baixada Fluminense. Eu decidi escolher só os municípios que estão na tabela conforme está escrito no site da CEPERJ e que também é o que eu cresci ouvindo sobre o que era a Baixada Fluminense.

Ao comparar o município de Duque de Caxias com os municípios da Baixada Fluminense, percebo que todos seguem mais ou menos a mesma proporção de jovens, na faixa dos 25,7%.

O município de Nilópolis é o que apresenta a menor proporção de jovens (24%), mesmo sendo o menor município dos 92 que tem no estado do Rio de Janeiro e é o 20º com maior população. Japeri é o município menos populoso da Baixada Fluminense, mas que tem o maior percentual de jovens (28,1%) em relação a sua população total.

Entre os municípios que fazem divisa com o Duque de Caxias, a cidade de Belford Roxo apresenta a maior porcentagem de jovens (25,8%), logo depois vem Duque de Caxias, e seguido deles vem Nova Iguaçu (25,4%) e São João de Meriti (25%). Ou seja, salvo as devidas proporções da população, posso afirmar que esses municípios têm $\frac{1}{4}$ de jovens do total de sua população, pois eles têm os percentuais de jovens muito próximos.

Essa tendência continua ao comparar o município de Caxias com o estado do Rio de Janeiro e o nosso país. Segue a tabela abaixo:

Tabela comparativa de jovens		
	População	Jovens
Duque de Caxias	855.048	219.901
Rio de Janeiro	15.989.929	3.937.413
Brasil	190.755.799	51.340.478

O Brasil tem 26,9% da sua população na faixa etária entre 15 a 29 anos, enquanto 24,6% da população do estado do Rio de Janeiro são jovens. Ou seja, junto com Duque de Caxias, a população jovem, no estado e no país, representa aproximadamente $\frac{1}{4}$ da população total. A porcentagem de jovens de Duque de Caxias está mais próxima da proporção nacional do que da proporção estadual.

2.3 Os dados do Bloco I e II do Banco de dados

Os dados que serão apresentados a seguir foram retirados do *survey* feito no município de Duque de Caxias em 2016 como extensão à pesquisa “Jovens fora de série”, que procurava entender mais sobre os estudantes da EJA Ensino Médio. No caso da pesquisa em Duque de Caxias, a intenção era descobrir mais o perfil dos alunos que faziam, na época, o ensino médio na modalidade de Educação de Jovens e Adultos.

Participaram da pesquisa 217 estudantes divididos em quatro escolas. Como foi dito anteriormente, o município é dividido em quatro distritos e cada escola fica num distrito diferente.

Esse quantitativo é uma amostra da população de estudantes da EJA/EM em Duque de Caxias. Os questionários foram aplicados levando-se em consideração a distribuição das matrículas pelos distritos de Caxias, e o locus da aplicação foram escolas sediadas em cada um dos distritos que compõem a cidade.

O questionário era dividido em blocos temáticos de perguntas e escolhi utilizar apenas três blocos de perguntas. O Bloco I que continha perguntas sobre o perfil socioeconômico dos estudantes, o Bloco II que tinham perguntas que faziam relação entre trabalho e estudo e por último o Bloco V que diz respeito ao que esses estudantes esperavam de seu futuro.

Nessa parte do capítulo faço a análise dos dados coletados a partir dos dois primeiros blocos de perguntas no *survey* para ter uma visão mais ampla do público que está sendo pesquisado. O primeiro bloco corresponde ao perfil socioeconômico dos estudantes, na qual selecionei algumas perguntas que achei pertinentes para a minha pesquisa, assim como o cruzamento dessas perguntas com o gênero e a faixa etária dos estudantes. No segundo bloco há questões referentes às condições de trabalho e emprego desses estudantes. Faço também a interseção entre as questões marcadas e o gênero e faixa etária dos estudantes.

Vale a pena destacar que segundo o Estatuto da Juventude (Lei 12.852/13) é considerado jovem quem está dentro da faixa etária dos 15-29 anos, porém para minha pesquisa utilizarei somente a faixa 18-29 anos, em conformidade à Lei de Diretrizes e

Bases da Educação Nacional (lei 9394/96), que mostra que o ingresso à Educação de Jovens e Adultos no ensino médio acontece a partir dos 18 anos.

2.3.1 Bloco I - Perfil socioeconômico

Para melhor compreensão, os alunos foram divididos em três faixas etárias. A primeira é 18-24 anos, a segunda é 25-29 anos e a última, que compreende os não-jovens, é mais de 30 anos¹⁰, como mostra a tabela abaixo.

Tabela comparativa dos jovens e não jovens a partir da faixa etária					
		Banco	Duque de Caxias	Rio de Janeiro	Brasil
18-24 anos	Frequência	102	101.110	1.799.878	23.878.190
	Porcentagem	47%	17,8%	16,5%	19,1%
25-29 anos	Frequência	31	72.336	1.364.348	17.104.414
	Porcentagem	14%	12,7%	12,5%	13,7%
mas de 30 anos	Frequência	81	393.962	7.716.355	84.242.360
	Porcentagem	37%	69,4%	70,9%	67,3%
Total		214	567.408	10.880.581	125.224.964

Ao comparar a quantidade de jovens na faixa etária 18-24 anos do banco de dados com a população jovem, da mesma faixa, do município de Duque de Caxias percebo que esses os alunos da Educação de Jovens e Adultos do banco representam um décimo dos jovens caxiense que estão na mesma faixa etária.

A tabela mostra que, entre os respondentes, a maioria (47%) está na primeira faixa etária, seguidos pela faixa etária mais de 30 anos (37,3%), com uma diferença de 10% aproximadamente, e por último tem a faixa etária 25-29 anos com 14,3%. Três pessoas (1,4%) não responderam a essa questão, por isso no total aparece a quantidade de 214.

¹⁰ No banco, o respondente mais velho tinha 69 anos e para manter a proporção os dados do município de Duque de Caxias, do estado do Rio de Janeiro e do Brasil foram tabulados mantendo a idade limite de 69 anos.

Isso demonstra que nessas escolas a maioria dos alunos são mais novos. Essa afirmação fica mais evidente quando analiso a tabela geral com a separação em idades, pois 42 alunos responderam que têm 18-19 anos e ao voltar às tabelas das faixas percebe-se que essa quantidade é maior do que a quantidade da faixa etária 25-29 anos.

Em relação à cor/raça, quase metade dos respondentes, 48,8%, se consideram pardos, seguidos pelos que se consideram brancos (21,7%) e pretos (19,4%). Ao fazer o cruzamento entre cor/raça e gênero, percebi que 52% dos homens e 49% das mulheres se consideram pardos, seguido dos homens brancos (19%) e mulheres brancas (24%). Mantendo assim a mesma proporção geral.

Ao separar em faixa etária, essa maioria que se considera pardo permanece. Ao comparar os estudantes que se consideram brancos e pretos, em números absolutos, a quantidade é muito próxima, tendo uma diferença de até cinco estudantes. Isso não ocorre na comparação entre as demais raças/etnias com quem se considera pardo, pois a diferença é muito grande.

Tabela comparativa -cor/raça			
		Banco	Duque de Caxias
Branco	Frequência	47	301.439
	Porcentagem	21,7%	35,3%
Preto	Frequência	42	123.130
	Porcentagem	19,4%	14,4%
Pardo	Frequência	106	420.050
	Porcentagem	48,8%	49,1%
Amarelo	Frequência	9	9.564
	Porcentagem	4,1%	1,1%
Indígena	Frequência	3	865
	Porcentagem	1,4%	0,1%
NR	Frequência	10	0
	Porcentagem	4,6%	0,0%
Total		217	855.048

Ao observar as proporções entre os estudantes e a população total de Duque de Caxias, ou seja, tanto no banco quanto no município, há uma quantidade de pessoas que se consideram pardos, logo após (na ordem) vem os brancos, pretos, amarelos e indígenas.

Se somarmos os pretos e pardos, tanto no banco quanto no município, respectivamente, temos 68,2% e 63,5% ,assim os percentuais estão bem próximos, mas ainda encontramos mais pretos e pardos no banco. A proporção de brancos no banco é menor que a proporção de brancos no município de Duque de Caxias, o que me leva concluir que no nosso banco é mesmo composto, majoritariamente, por negros.

Cerca de 83% nasceram na região sudeste, em sua maioria sendo do estado do Rio de Janeiro. No questionário aparece as cidades e estados de nascimento, mas eu escolhi separar em regiões por dois motivos: fica mais fácil visualizar fazendo categorias do que colocar 217 respostas numa tabela. E porque só apareceram duas regiões. A região nordeste com 11% e a região sudeste.

Dentre as pessoas que assinalaram que nasceram na região sudeste, 160 indicaram que sua origem é no estado do Rio de Janeiro, correspondendo a 88% do total dessa região. Desses 160 fluminenses, 66% nasceram no município de Duque de Caxias proporção entre casados que correspondem 23% do banco e 18% responderam que moram juntos com seus cônjuges. O percentual de separados foi de 5% e o viúvo corresponde a 1% do total.

Ao separar esse dado por sexo, a maioria dos homens (53%) e das mulheres (41%) são solteiros. Logo após, entre os homens, estão os que moram juntos (20%) e entre as mulheres estão as casadas (29%) e somente depois aparecem as que estão morando juntas (16%).

E separando por faixa etária, percebemos que são os mais jovens, na faixa de 18-24 anos, que assinalaram estar solteiros na época do questionário, representando 71% e coerentemente, nos mais velhos a porcentagem é menor, tendo 19% dos respondentes. A opção "Mora junto" também é assinalada em sua maioria pelos mais jovens: 41% da faixa etária de 18 a 24 anos marcaram essa alternativa.

Embora a maior parte dos respondentes do banco sejam pessoas solteiras, entre os 217 alunos, 121 disseram que têm filhos (56%), enquanto 95 estudantes responderam

que não tinham filhos (44%). Inclusive, nesses que tiveram filhos, 26% os tiveram entre 15 e 19 anos, 17% tiveram entre 20 e 24 anos, 12% tiveram filhos depois de 25 anos e 1% entre 13 e 14 anos. Ainda sobre os que responderam que tinham filhos, 40% têm no máximo 2 filhos, 12% têm entre 3 e 4 filhos e 4% indicaram que tinham mais de 5 filhos.

Em relação à questão sobre filhos, como já foi mostrado, 56% dos estudantes têm filhos e quando separo por faixas etárias esses estudantes, reparo que 62% deles tem mais de 30 anos, 15% têm entre 25-29 anos e 23% têm entre 18-24 anos.

Mesmo os estudantes que estão na faixa etária 18-24 anos tenham um percentual maior de que tem filhos comparado aos de faixa etária 25-29 anos me sinto seguro em afirmar que, nesse grupo quanto mais velho os estudantes encontro mais pessoas com filhos, o que é esperado, pois ao analisar somente os estudantes mais novos percebi que a porcentagem dos que não tem filhos é 79% mostrando uma diferença grande entre o grupo que tem filho e os que não tem filhos nessa faixa etária.

Como foi mostrado, a maioria dos estudantes (40%) tem um ou dois filhos e poucos (4%) têm mais de cinco filhos. Entre os que têm um ou dois filhos, 53% tem mais de 30 anos, 31% têm entre 18-24 anos e 15% entre 25-29 anos.

Ressalto que o quantitativo de estudantes que têm entre 25 e 29 anos é menor em comparação as outras faixas etárias, o que não quer dizer nessa faixa de idade há uma prática de controle de natalidade.

Em relação a idade que tiveram o primeiro filho percebi que 39% dos não-jovens tiveram o primeiro filho na idade em que estariam cursando o ensino médio regular e 46% tiveram seu primeiro filho entre 20-29 anos.

Vale ressaltar que, como foi exposto antes, 83% dessa faixa etária é composta por mulheres e a gravidez segundo diversas pesquisas realizadas pelo Brasil é um dos fatores para o abandono escolar nessa idade e posterior retorno na EJA.

Algo diferente ocorre com os jovens. Ao verificar a tabela daqueles que estão na faixa etária 18-24 anos, percebe-se que 78% deles tiveram filhos entre 15 e 19 anos, ou

seja bem próximo das idades que eles tinham na época do *survey*. E muitos deles já tinham dois filhos. Isso nos mostra que, possivelmente, para esses jovens, engravidar e ter filhos não é impedimento para a continuidade de seus estudos.

18-24 anos - Idade que teve o primeiro filho		
	Frequência	Porcentagem
13 - 14 anos	0	0%
15 - 19 anos	21	78%
20 - 24 anos	6	22%
25 - 29 anos	0	0%
Acima dos 30 anos	0	0%
Total	27	100%

Na menor faixa salarial de renda familiar (até um salário mínimo¹¹) também há a presença dos jovens de 18-24 anos com a maior porcentagem (45%), seguida pelos estudantes que têm mais de 30 anos (42%) e por últimos jovens com 25-29 anos (14%). Percebe-se que a diferença percentual entre as duas primeiras faixas etárias é de 3%.

A comparação da renda familiar entre as faixas etárias mostra que a maioria dos estudantes têm renda familiar entre 1 - 2 salários mínimos. Nessa faixa salarial, 47% têm entre 18-24 anos, 36% têm mais de 30 anos e 17% têm entre 25 e 29 anos.

Porém ressaltar que ao separar esse dado pelas faixas etárias, essa condição se mantém somente entre os jovens, demonstrando que os adultos dessa amostra tem a renda familiar mais baixa. A diferença em pontos percentuais é pequena (é de 1%).

Renda familiar -18-24 anos		
	Frequência	Porcentagem
Até 1 salário mínimo	29	29%
1 - 2 salários mínimos	33	33%
2 - 5 salários mínimos	14	14%
Mais de 5 salários mínimos	2	2%
NR	21	21%
Total	99	100%

¹¹ Em 2016, ano que foi aplicado o *survey*, o salário mínimo era 880 reais.

Renda familiar -25-29 anos		
	Frequência	Porcentagem
Até 1 salário mínimo	9	29%
1 - 2 salários mínimos	12	39%
2 - 5 salários mínimos	2	6%
Mais de 5 salários mínimos	1	3%
NR	7	23%
Total	31	100%

Renda familiar - Mais de 30 anos		
	Frequência	Porcentagem
Até 1 salário mínimo	27	35%
1 - 2 salários mínimos	25	32%
2 - 5 salários mínimos	8	10%
Mais de 5 salários mínimos	1	1%
NR	16	21%
Total	77	100%

Quando separamos os percentuais por sexo, notamos que 66% das mulheres têm filhos, enquanto 36% dos homens responderam que têm filhos que corresponde a 27 homens e 47 responderam que não tinham filhos (63%). Essa situação ocorre de forma contrária com as mulheres: 93 mulheres responderam que têm filhos e 47 mulheres (34%) responderam que não tinham filhos.

Daqueles que responderam que têm filhos, 44% das mulheres e 31% dos homens responderam que tem até 2 filhos e 17% das mulheres e 4% dos homens responderam que tinham entre 3 e 4 filhos.

Em relação à idade que tiveram filhos, a maior parte dos homens (17%) tiveram seus filhos entre 20 e 24 anos, seguidos dos homens que tiveram seus filhos entre 25 e 29 anos.

Enquanto isso, 36% das mulheres tiveram seus filhos entre 15 e 19 anos e 16% tiveram seu primeiro filho entre 20 - 24 anos. Ou seja, as mulheres do banco tiveram filhos mais novos que os homens do banco. Possivelmente é o motivo delas terem saído da escola e agora retornaram para concluir o ensino médio na EJA. Diferentemente dos homens que tendem a sair da escola para conseguir um emprego e aumentar a renda de casa.

As mulheres apresentam menor renda domiciliar em comparação aos homens, pois 35% delas marcaram a opção até um salário mínimo, diferente dos homens que tiveram 25% deles marcando essa opção. E 43% dos homens têm como renda domiciliar entre 1 e 2 salários mínimos, enquanto as mulheres correspondem a 29%.

A amostra demonstra também que há mais homens entre 18 e 24 anos (48%) e mais mulheres com mais de 30 anos (83%). Embora a quantidade de homens e mulheres que têm entre 18 e 24 anos sejam próximas (respectivamente 48 e 53), há uma grande quantidade de mulheres com mais de 30 anos.

2.3.2 Bloco II - Trabalho e estudo

Na questão para saber se os estudantes trabalham, 34% responderam que têm trabalho fixo, sendo assim a opção mais marcada pelos estudantes, e dentre essa porcentagem, 49% têm entre 18-24 anos, 40% tem mais de 30 anos e 11% têm entre 25-29 anos.

Ao separar esse dado entre as faixas etárias nota-se que a maioria dos jovens que tem entre 18 e 24 e os adultos tem algum trabalho fixo, embora entre os jovens de 18-24 anos a diferença percentual entre aqueles que não não trabalham, mas está procurando um emprego seja de 1 %. Já entre os jovens que tem entre 24 e 29 anos, 29% responderam que não trabalham, mas estão procurando um emprego, contra 26% dos que responderam que tem trabalho fixo ou faz bicos.

Você trabalha - 18-24 anos		
	Frequência	Porcentagem
Não trabalho, só estudo e não procuro trabalho	6	6%
Não trabalho e estou procurando emprego	35	35%
Tenho trabalho fixo	36	36%
Faço bicos	13	13%
Ajudos nos afazeres de casa	3	3%
Sou aposentado e estudo	0	0%
NA	5	5%
NR	3	3%
Total	101	100%

Você trabalha - 24-29 anos		
	Frequência	Porcentagem
Não trabalho, só estudo e não procuro trabalho	2	6%
Não trabalho e estou procurando emprego	9	29%
Tenho trabalho fixo	8	26%
Faço bicos	8	26%
Ajudos nos afazeres de casa	3	10%
Sou aposentado e estudo	0	0%
NA	1	3%
NR	0	0%
Total	31	100%

Você trabalha - mais de 30 anos		
	Frequência	Porcentagem
Não trabalho, só estudo e não procuro trabalho	5	6%
Não trabalho e estou procurando emprego	15	19%
Tenho trabalho fixo	29	36%
Faço bicos	21	26%
Ajudos nos afazeres de casa	5	6%
Sou aposentado e estudo	2	2%
NA	3	4%
NR	1	1%
Total	81	100%

Ao reunir o quantitativo de estudantes que trabalham com remuneração é revelado que quase metade dos estudantes (47%) marcaram essa opção. Vale lembrar que essa pesquisa foi realizada em 2016, quando ainda estávamos no início da instabilidade econômica e política que só piorou depois do Golpe de Estado contra a até então presidenta Dilma Rousseff. Outro destaque a ser feito é que entre esse grupo dos que trabalham com remuneração a porcentagem maior está entre os estudantes que têm mais de 30 anos (45%), seguido pelos jovens que estão na faixa etária de 18 a 24 anos.

Entre aqueles que trabalham e têm remuneração, 26% do total dos estudantes ganham entre um e dois salários mínimos e ao separar nas faixas etárias percebe-se que 54% estão na faixa etária 18-24 anos, 28% tem mais de 30 anos e 18% têm entre 25-29 anos.

Embora ache importante ressaltar que 33% dos estudantes não possuem um trabalho remunerado, sendo assim a maioria dos respondentes nesse quesito. E ao separar em faixas etárias esse dado nota-se que são os mais jovens, em sua maioria, que não possuem alguma remuneração pois 51% tem entre 18-24 anos, 32% tem mais de 30 anos e 17% estão na faixa 25-29 anos.

Ao analisar as faixas etárias separadamente percebe-se que essa proporção se mantém. E demonstra que entre os jovens de 18-24 anos a diferença percentual é maior entre aqueles que não tem um trabalho remunerado. Vale ressaltar também que é nessa faixa etária que temos a maioria dos estudantes que responderam que não têm trabalho remunerado.

Trabalho remunerado - 18-24 anos		
	Frequência	Porcentagem
Têm trabalho remunerado	43	44%
Não têm trabalho remunerado	15	15%
Não se aplica	36	37%
NR	4	4%
Total	98	100%

Trabalho remunerado - 25-29 anos		
	Frequência	Porcentagem
Têm trabalho remunerado	14	45%
Não têm trabalho remunerado	10	32%
Não se aplica	5	16%
NR	2	6%
Total	31	100%

Trabalho remunerado - Mais de 30 anos		
	Frequência	Porcentagem
Têm trabalho remunerado	46	57%
Não têm trabalho remunerado	18	22%
Não se aplica	15	19%
NR	2	2%
Total	81	100%

O percentual daqueles que ganham até um salário mínimo é muito próximo com a quem ganha entre 1 e 2 salários mínimos, tendo 25% do total de alunos. Entretanto, aqui, a situação é inversa pois 53% que recebe até um salário mínimo tem mais de 30 anos, 36% têm entre 18-24 anos e 11% estão na faixa 25-29 anos.

Outro fato que essa questão nos mostra é que, como já foi mostrado anteriormente, mesmo que os jovens sejam maioria que recebem entre um e dois salários mínimo, ao analisar separadamente cada faixa etária¹², percebi que os jovens ainda não possuem algum tipo de atividade laboral remunerada como mostra as tabelas abaixo. Destaquei os dados que ressaltam a situação apresentada.

¹² Quando digo que fiz uma análise separada das faixas etárias, quero dizer que fiz as porcentagens a partir do total daquela faixa etária. Ou seja, eu fiz a razão entre a frequência das respostas com o total de estudantes dessa faixa. Diferente do que fiz nas tabelas mais gerais, onde eu fiz a razão entre a frequência das respostas em cada faixa etária com o total de respostas daquela questão.

Remuneração 18-24 anos		
	Frequência	Porcentagem
Até 1 salário mínimo	19	19%
1-2 salários mínimos	31	31%
2-5 salários mínimos	1	1%
Não se aplica	36	36%
NR	13	13%
Total	100	100%

Remuneração 25-29 anos		
	Frequência	Porcentagem
Até 1 salário mínimo	6	19%
1-2 salários mínimos	10	32%
2-5 salários mínimos	0	0%
Não se aplica	12	39%
NR	3	10%
Total	31	100%

Remuneração Mais de 30 anos		
	Frequência	Porcentagem
Até 1 salário mínimo	28	35%
1-2 salários mínimos	16	20%
2-5 salários mínimos	2	3%
Não se aplica	23	29%
NR	11	14%
Total	80	100%

Em relação a carteira assinada, ou seja, os estudantes que possuem um emprego formal, 51% dos estudantes revelaram que não têm carteira assinada, dentre eles 48% tem mais de 30 anos, 35% têm entre 18-24 anos e 16% estão na faixa 25-29 anos. Suspeito que aqui temos o mesmo problema que apareceu na quantidade de filhos.

Ao analisar separadamente as faixas etárias nota-se que mesmo a faixa etária mais jovem tendo respondido em sua maioria (36%) que têm emprego fixo, percebe-se que esse emprego fixo não é com carteira assinada pois a maior parte desses jovens responderam que não tem carteira assinada (39%).

Essa condição se repete também nas demais faixas etárias. Esse dado dá indícios de como as populações que na margem da sociedade estão cada vez mais conseguindo sua renda a partir do emprego informal ou de subempregos.

Carteira assinada - 18-24 anos		
	Frequência	Porcentagem
Têm carteira assinada	34	34%
Não têm carteira assinada	39	39%
Não se aplica	24	24%
NR	3	3%
Total	100	100%

Carteira assinada - 25-29 anos		
	Frequência	Porcentagem
Têm carteira assinada	10	32%
Não têm carteira assinada	18	58%
Não se aplica	3	10%
NR	0	0%
Total	31	100%

Carteira assinada - Mais de 30 anos		
	Frequência	Porcentagem
Têm carteira assinada	22	27%
Não têm carteira assinada	53	65%
Não se aplica	5	6%
NR	1	1%
Total	81	100%

Agora, sobre as horas trabalhadas por dia, 26% trabalham de seis a oito horas por dia, desses 44% tem entre 18-24 anos, 44% tem mais de 30 anos e 12% têm entre 25-29 anos. Em seguida, temos 21% dos estudantes que marcaram a opção não se aplica, possivelmente por não ter um emprego, e ao separá-los nas faixas etárias temos: 68% têm entre 18-24 anos, 18% têm mais de 30 anos e 14% têm entre 25-29 anos.

Cabe ressaltar aqui que em números absolutos, respectivamente, temos 30 alunos, 8 alunos e 6 alunos que marcaram essa opção. Mais uma vez o número de jovens é maior quando se trata de ocupação laboral.

Outro ponto a ressaltar é que muito próximo da porcentagem acima descrita tem, com 18%, os estudantes que trabalham mais de oito horas por dia. Quando fiz o cruzamento desse dado com as faixas etárias percebi que 41% têm mais de 30 anos, 36% está na faixa dos 18-24 anos e 23% têm entre 25-29 anos.

Mas, ao analisar separadamente as faixas etárias, para entender como cada faixa compõe essa questão, percebe-se que somente na faixa etária 25-29 anos, 29%, a maioria dos estudantes, trabalham mais de 8 horas. Isso não ocorreu nas outras faixas etárias.

Horas de trabalho por dia - 25 - 29 anos		
	Frequência	Porcentagem
Até 2 horas	0	0%
2- 4 horas	1	3%
4 - 6 horas	0	0%
6 - 8 horas	7	23%
Mais de 8 horas	9	29%
Sem horário definido	5	16%
Não se aplica	6	19%
NR	3	10%
Total	31	100%

Horas de trabalho por dia - 18 - 24 anos		
	Frequência	Porcentagem
Até 2 horas	2	2%
2- 4 horas	6	6%
4 - 6 horas	8	8%
6 - 8 horas	25	25%
Mais de 8 horas	14	14%
Sem horário definido	6	6%
Não se aplica	30	29%
NR	11	11%
Total	102	100%

Horas de trabalho por dia - Mais de 30 anos		
	Frequência	Porcentagem
Até 2 horas	1	1%
2- 4 horas	2	3%
4 - 6 horas	2	3%
6 - 8 horas	25	31%
Mais de 8 horas	16	20%
Sem horário definido	19	24%
Não se aplica	8	10%
NR	7	9%
Total	80	100%

Posso afirmar, a partir desses dados, que os mais velhos estavam em atividades laborais em situações mais precárias e com menos proteção social do que os mais jovens.

A próxima questão é sobre a idade em que os estudantes começaram a trabalhar e percebe-se 35% deles começaram a trabalhar entre 16 e 18 anos e dessa porcentagem 52% estão na faixa 18-24 anos, 32% tem mais de 30 anos e 16% estão na faixa etária 25-29 anos.

Ao observar as faixas etárias separadamente percebe-se que entre os mais jovens (18-24 anos) 39% começaram a trabalhar entre 16-18 anos, seguindo a média geral do grupo, seguido daqueles que começaram a trabalhar entre os 10 e 15 anos de idade (21%). Vê-se aqui que há uma diferença muito grande (quase metade), entre uma porcentagem, e até mesmo quantidade de respostas, em relação à outra. Porém isso não ocorre com as outras faixas etárias.

Nas outras faixas de idade, 25-29 anos e mais de 30 anos, a maioria dos estudantes também responderam que começaram a trabalhar entre 16-18 anos (respectivamente 39% e 31%), mas a porcentagem daqueles que iniciaram a vida no mundo do trabalho entre 10-15 anos é muito próxima da faixa 16-18 anos, chegando a uma diferença de 4% em uma das faixas etárias. A saber: 35% quem tem entre 25-29 anos e 30% quem tem mais de 30 anos responderam que começaram a trabalhar entre 10 e 15 anos.

Aqui percebo a influência de políticas públicas para a profissionalização de jovens adolescentes. A principal é a Lei 10.097 de 2000, mais conhecida como a Lei do Jovem Aprendiz. Essa lei assegura que adolescentes e jovens, que tenham entre 14 e 24 anos, sejam contratados formalmente por empresas. Essas empresas devem oferecer formação técnico – profissional a esses adolescentes e jovens e que esse trabalho não deva atrapalhar a formação ofertada na escola para esse público.

Em relação aos homens e mulheres que estavam trabalhando na época da aplicação do *survey* é notório a diferença entre os dois gêneros. Os homens têm uma maior porcentagem entre os estudantes que têm um trabalho fixo (41%) e em seguida vem os homens que não trabalham, mas estão procurando um emprego (24%). Ocorre algo diferente e oposto com as mulheres. Embora o percentual entre as mulheres que marcaram as mesmas questões descritas acima seja muito pequena (1% de diferença percentual), tenho no banco 30% das que não trabalham, mas procuram emprego e 29% delas têm trabalho fixo.

Um dado que vale a pena ressaltar é a porcentagem dos estudantes que ajudam nos afazeres domésticos. Não foi surpresa o que encontrei quando comparei esse dado

por gênero. 100% dos estudantes que marcaram essa opção são mulheres, mesmo sendo interessante ressaltar que somente 8% das mulheres marcaram essa opção.

Outro fato interessante foi que, mais uma vez, 100% dos estudantes que marcaram a opção “aposentado” eram mulheres. Em números absolutos foram duas pessoas e corresponde a 1% do total de mulheres do banco.

Esse dado está em consonância com os dados que retirei do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) do censo de 2010. Como mostra as tabelas abaixo em todos os níveis da federação há mais homens entre a população economicamente ativa, em contrapartida, há mais mulheres entre a população não economicamente ativa.

População economicamente ativa - sexo 2010			
	Duque de Caxias	Rio de Janeiro	Brasil
Homem	227.666	4.302.280	52.826.008
Mulher	175.352	3.512.447	40.678.651

População não - economicamente ativa - sexo 2010			
	Duque de Caxias	Rio de Janeiro	Brasil
Homem	120.067	2.267.086	25.931.672
Mulher	206.749	3.826.360	42.544.967

Em sua maioria, ambos os gêneros trabalham com remuneração. 60% dos homens e 41% das mulheres marcaram essa opção. Para os homens, a segunda maior porcentagem é de quem trabalha sem remuneração (23%), enquanto entre as mulheres a segunda opção mais marcada foi “NA” que quer dizer não se aplica tendo 31%. Essa opção, “NA”, entre os homens foi de 16%.

As mulheres também recebem menos que os homens. Na tabela abaixo percebe-se que a quantidade e porcentagem de mulheres que recebem até um salário mínimo e que marcaram a opção “não se aplica” é bem maior em comparação aos homens.

Cruzamento sexo - remuneração				
	Homens		Mulheres	
	Frequência	Porcentagem	Frequência	Porcentagem
Até um salário mínimo	15	20%	39	28%
1 - 2 salários mínimos	37	49%	20	15%
2 -5 salários mínimos	2	3%	1	1%
NA	14	19%	57	42%
NR	7	9%	20	15%
Total	75	100%	137	100%

Nota-se que nos homens há um acréscimo de respondentes entre a menor faixa salarial e a segunda menor (são as opções que estão em negrito na tabela acima) enquanto isso, entre as mulheres há um decréscimo de respondentes nas duas faixas salariais destacadas.

Em relação a carteira assinada, homens e mulheres apresentam uma certa semelhança, pois nos dois gêneros, 53% dos homens e 51% das mulheres, não têm carteira assinada.

Sobre a idade em que começaram a trabalhar percebe-se que ambos os gêneros começaram a trabalhar a partir dos 10 anos de idade, embora a maior porcentagem seja dos estudantes que entraram no mercado de trabalho depois de 16 anos de idade, 45% dos homens e 31% das mulheres.

Alguns dados que vale a pena destacar: 88% dos estudantes que marcaram a opção “nunca trabalhei” são mulheres; e 82% dos estudantes que marcaram a opção “Mais de 18 anos” também são mulheres.

3. Resultados da pesquisa

A juventude por possuir como uma das suas características ter ritos de passagens para a vida adulta, é esperado que os jovens construam projeções para o futuro e o ensino médio, seja no ensino regular ou na Educação de Jovens e Adultos, é a etapa de ensino que deveria oferecer instrumentos para essa construção e não ser só a extensão do ensino fundamental ou tão somente um preparatório para o mundo do trabalho.

3.1 Escolarização juvenil

Com o movimento de universalização e obrigatoriedade do ensino secundário e a democratização do ensino superior, alguns jovens, principalmente de setores da sociedade mais favorecidos, puderam postergar sua entrada ao mundo do trabalho para dedicar mais tempo à escolarização.

Um dos fatores desta confusão das oposições entre as juventudes de diferentes classes é o fato de diferentes classes sociais terem tido acesso de forma proporcionalmente maior ao ensino secundário e de, ao mesmo tempo, uma parte dos jovens (biologicamente) que até então não tinham acesso à adolescência, terem descoberto este status temporário, "meio-criança, meio-adulto"; "nem criança, nem adulto". Acho que é um fato social muito importante. Mesmo nos meios aparentemente mais distanciados da condição estudantil do século XIX, isto é, na pequena aldeia rural, onde os filhos dos camponeses ou artesãos freqüentam o ginásio local, mesmo neste caso, os adolescentes são colocados, durante um tempo relativamente longo, numa idade em que anteriormente eles estariam trabalhando em posições quase-exteriores ao universo social que define a condição de adolescente. Parece que um dos efeitos mais poderosos da situação de adolescente decorre desta espécie de existência separada que os coloca socialmente fora do jogo. As escolas do poder e, em particular as grandes escolas, colocam os jovens em recintos separados do mundo, espécies de espaços monásticos onde eles levam uma vida à parte, fazem retiro, retirados do mundo e inteiramente ocupados em se preparar para as mais "altas funções": aí, eles fazem coisas muito gratuitas, coisas que se costuma fazer na escola, puro exercício. (BOURDIEU, 1983, p.3)

Ao longo dos anos, principalmente em meados do século XX, com o aumento da escolarização obrigatória, a escola passa a ser um espaço onde boa parte dos jovens

constroem suas identidades e podem construir seus projetos para um futuro. Esse futuro pode ser para um pequeno, médio ou longo prazo.

A instituição escolar tornou-se um lugar em que os agentes passam cada vez mais tempo de sua vida e que por sua vez converteu-se num espaço de socialização juntamente com as famílias e as organizações religiosas.

Essa socialização é feita a partir de um programa institucional¹³ que

[...] não se limita a resgatar o indivíduo da coletividade local onde se filia para 'socializar (...) para o mundo', adequando-o às regras da vida social, mas visa também erigi-lo em 'sujeito capaz de ser senhor de si mesmo e de construir a sua liberdade' por intermédio da razão. (VIEIRA apud DUBET, 2012, p.277)

O programa institucional tem efeitos diversos nas dinâmicas dos diversos grupos sociais. Ele é decomposto e atinge os subgrupos de formas diferentes, em espaços diversos e com projetos educativos diferentes, a partir dos papéis sociais que os indivíduos atuam.

Nos grupos que estão à margem da sociedade, o programa ocorre de forma rápida, pois esse grupo é precocemente excluído do interior do sistema escolar após um caminho breve por uma escolaridade mínima. Geralmente a passagem dos indivíduos desses grupos é cheia de entradas e saídas do sistema. Esse cenário, pelo menos no Brasil, tem diminuído devido a uma sequência de políticas públicas que tem feito muitos jovens e crianças permanecerem no sistema escolar. E por outro lado, tem os grupos mais privilegiados que tendem a ter uma aplicação mais demorada e decisiva desse programa.

Dentro da escola, há uma grande gama de experiências heterogêneas que coabitam a escola e com o fim da exclusividade da escola na transmissão e obtenção dos produtos culturais produzidos historicamente pela sociedade, e

¹³ "Refere-se a um tipo específico de trabalho sobre o outro: existe "um programa institucional quando valores e princípios orientam diretamente uma atividade específica e profissional de socialização concebida como uma vocação, e quando essa actividade profissional tem por objetivo produzir um indivíduo socializado." DUBET, 2002 *apud* VIEIRA, 2012

Nessas circunstâncias, a manifestação de autonomia da criança ou do jovem já precisa esperar pelo término da escolarização – pela assunção como seus dos princípios escolares – para se poder exercer. Agora, ela corresponde ao exercício de um direito inalienável de expressão e de participação que cada indivíduo transporta consigo à entrada da escola, e que aí, também, não lhe deverá ser negado. (VIEIRA, 2012, p.279)

Para o exercício dessa autonomia deverão ser feitos alguns ajustes. Na escola geralmente o ajuste aparece em métodos e metodologias pedagógicas e disciplinas atentas ao aluno como um indivíduo que exprime a sua personalidade. Porém, essa nova relação apresenta uma certa ambivalência, pois esse ajuste varia de acordo com as circunstâncias do cotidiano escolar.

A frequência cada vez maior na escola faz com que a identidade social dos jovens esteja intimamente ligada à condição de aluno e em algumas vezes é a partir dela que eles também constroem os seus projetos para o futuro. Pois

[...] a construção do futuro pessoal que se transfere para o interior da escola, uma vez que uma trajetória longa impõe a necessidade de o aluno se dotar de um projeto de estudos. Tal é particularmente evidente na transição para o ensino secundário, em que todos os estudantes são instados a realizar uma escolha vocacional. A orientação como projeto adquire então um lugar decisivo. (VIEIRA, 2012, p.283)

A escola, pelo menos em teoria, se constitui como um espaço aberto, pois atende a diversidade que é a juventude, mas tem tido algumas dificuldades em articular os interesses pessoais dos jovens, com as demandas de tornar-se aluno. Nessa perspectiva, as juventudes enfrentam obstáculos para se motivar e atribuir um sentido à experiência escolar e elaborar projetos de futuro que englobam a escolarização.

A escola joga sobre o jovem a responsabilidade em estabelecer relações entre sua condição juvenil e o estatuto de aluno, tendo de definir a utilidade social dos seus estudos, o sentido das aprendizagens e, principalmente, seu projeto de futuro. Enfim, os jovens devem construir sua integração em uma ordem escolar, achando em si mesmos os princípios da motivação e os sentidos atribuídos à experiência escolar. Por outro lado, a escola e seus profissionais contribuem pouco nesse processo porque partem do pressuposto de que o jovem já tenha internalizado o modelo de aluno e se comporte de acordo com os princípios. (DAYRELL, 2012, p.309)

A dificuldade em tornar-se aluno é maximizada porque os estudantes podem internalizar suas reais condições de ascensão social na escola. Ou seja, os jovens entendem o “jogo escolar” e percebem que seu baixo capital cultural e econômico podem ser um empecilho. Além disso, um investimento a longo prazo pode ser muito arriscado e incerto.

Para alguns a falta de sentido da escola faz com que o trabalho acabe atendendo às suas demandas mais imediatas, às vezes sendo mais atrativo, pois ele pode ganhar mais independência dentro de casa.

Somando a essas considerações ao fato de que, no Brasil, diferentemente dos países europeus a condição juvenil muitas vezes é vivida a partir da inserção no mundo do trabalho. Geralmente começa na adolescência com uns “bicos” que são instáveis e que duram, muitas vezes, boa parte da juventude. O trabalho surge na vida dos jovens com a dupla dimensão: aumento da autonomia no espaço familiar, junto com a possibilidade de vivenciar a própria condição juvenil sem a supervisão da família.

3.2 Trabalho juvenil

Na realidade brasileira a categoria trabalho é marcada por desigualdades e tem sentidos e significados diferentes para os jovens. Muitos podem perceber o trabalho como um projeto a ser adquirido depois de terminar a escolarização e para outros, a maioria por sinal, a entrada no mundo do trabalho, normalmente informal, é feito junto com o seu papel de aluno.

O trabalho em seu sentido ontológico, tem a ver com a transformação da natureza pela ação intencional do homem, é uma atividade exclusivamente humana que nos diferencia dos outros animais. Por ser uma atividade exclusiva do ser humano, ela também é histórica e se transforma de acordo com o tempo e o espaço em que se é observada.

Atualmente, vivemos em uma sociedade cujo modo de produção é capitalista e o trabalho é assalariado. É por meio do trabalho assalariado que muitas pessoas podem acessar e garantir direitos que são enunciados em nossa Constituição como o lazer, a saúde e a educação.

Porém, vale uma ressalva, o trabalho assalariado não é o único tipo de trabalho que temos em nossa sociedade e nem é igual para todos.

O trabalho doméstico, o trabalho voluntário, o trabalho de cuidado, o trabalho cooperativo são outras formas existentes em nossa sociedade e que também podem estar muito presentes no cotidiano dos jovens. Olhar para a realidade de trabalho dos estudantes do Ensino Médio significa, não apenas indagar sobre seu presente ou seu projeto de inserção no “mundo dos empregos”, mas também para outras atividades e relações sociais. Na vida de muitas jovens mulheres, especialmente as negras ou as pertencentes às camadas de mais baixa renda, o trabalho doméstico e o trabalho de cuidadora são uma realidade desde muito cedo. (CORROCHANO, p.205-206, 2014)

É preciso ir além de um pensamento economicista para entender que o trabalho é uma relação social que é atravessada por relações de gênero, cor, classe, etc.

Atualmente, os jovens não esperam ter acesso a um emprego, mas sim conquistar um status de empregabilidade, já que estamos em um mundo em que o trabalho formal está precário e precarizado, onde a flexibilidade das relações trabalhistas que comandam o campo trabalhista, os jovens lidam com a incerteza de um futuro profissional.

Diferentemente do que aconteceu na Europa do século XX, em que a atividade laboral foi interdita para assegurar a ida para a escola das crianças e jovens e a entrada no mundo trabalho se dava depois de terminada a escolarização básica, no Brasil, e em toda América Latina, mesmo com massificação do ensino, havia um ingresso precoce no mercado de trabalho ou uma concomitância entre os estudo e o trabalho.

No nosso país, boa parte dos jovens estudantes ingressam no mundo trabalho por meio de “bicos”, que não tem carga horária definida, mesmo com legislação vigente que protege esse público.

Ressalto aqui, a busca por um trabalho nem sempre diz respeito somente a garantir o sustento e ajudar a manter uma casa. Há também demandas para o consumo de bens materiais (como roupas, celular, maquiagem, etc) e simbólicos e aquisição de independência dos responsáveis.

De maneira geral, os jovens advindos das camadas mais populares e que começaram a trabalhar mais cedo, inicia suas atividades laborais próximo de suas moradias e a partir de indicação de conhecidos, como vizinhos e parentes. O ofício realizado, geralmente, é na mesma área de atuação de quem arranhou o trabalho

Essa relação de trabalho parece muito com o que acontecia nas sociedades pré-industriais, onde a ocupação era ensinada de forma prática pelos parentes ou amigos da família.

Com a chegada da maioridade, 18 anos, e ao avançar da idade há uma transição para relações trabalhistas menos precárias, pois alguns jovens conseguem empregos que assinam a carteira de trabalho, formalizando a sua situação no mundo do trabalho. Vale ressaltar que essa transição não ocorre de forma uniforme, o tempo de espera para conseguir um trabalho decente¹⁴ pode ser maior dependendo da classe e da cor/etnia do jovem (CARROCHANO, 2014)

Essa demora para conseguir um emprego decente muitas vezes é associada a falta de experiência dos jovens devido a pouca idade, mas como vimos, muitos jovens já têm um saber profissional, porém não está registrado em nenhum lugar.

Há outros mecanismos de discriminação que estão associados a demora em conseguir um emprego, como CARROCHANO demonstra que

Para além da chamada falta de experiência, frequentemente associada à idade, outros mecanismos de discriminação estão presentes na busca por trabalho: sexo, cor/raça, ausência de cursos fortes realizados em escolas de renome, aparência física e local de moradia. Nem todos esses aspectos têm o mesmo peso, pois, dependendo do perfil (ser homem ou mulher, branco ou negro, com mais ou menos tempo de procura), a ênfase pode recair em um ou outro fator, mas todos sinalizam para os difíceis percursos juvenis na busca por um trabalho decente. Em muitos casos, resta a inserção por meio da rede de contatos, que muitas vezes, para jovens das camadas populares, pode levar a empregos precários ao invés de conduzi-los para os empregos mais protegidos que desejam acessar. (p.220, 2014)

¹⁴ Para a Organização Internacional do Trabalho, o trabalho decente compreende um trabalho adequadamente remunerado, exercido em condições de liberdade, equidade e segurança, capaz de garantir uma vida digna, apoiando-se em quatro pilares estratégicos:

- a) respeito às normas internacionais do trabalho, em especial aos princípios e direitos fundamentais do trabalho (liberdade sindical e reconhecimento efetivo do direito de negociação coletiva; eliminação de todas as formas de trabalho forçado; abolição efetiva do trabalho infantil; eliminação de todas as formas de discriminação em matéria de emprego e ocupação;
- b) promoção do emprego de qualidade;
- c) extensão da proteção social; e
- d) diálogo social.

(OIT, *apud* CARROCHANO, 2014)

Para muitos jovens, a conexão que existe com a escola é meramente instrumental, reduzida à certificação, devido às dificuldades em manter uma relação relevante com a mesma. A escola não seria para a formação humana, mas serviria apenas como um lugar que certifica para o mercado de trabalho.

Muitos jovens sabem que a conclusão da escolarização básica não garante um emprego, mas também a falta de um certificado mínimo exigido pelo mercado de trabalho dificulta, e muito, o acesso a um trabalho decente.

3.3 Resultados da pesquisa

Para a minha pesquisa eu utilizei uma das questões do bloco V do *survey* que diz respeito ao futuro e os programas de educação dos respondentes. A princípio eu utilizaria duas questões das três que tem nesse bloco, mas resolvi tratar somente da pergunta 63, que trata da ambição dos alunos quando acabar a escolarização média. Abaixo há uma tabela que mostra os resultados da marcação das respostas dessa pergunta.

O que pretende fazer quando concluir o ensino médio?		
	Frequência	Porcentagem
Prestar vestibular e continuar os estudos no Ensino Superior	54	25%
Prestar vestibular e continuar a trabalhar	20	9%
Procurar emprego	27	12%
Fazer curso profissionalizante e me preparar	37	17%

para o trabalho		
Trabalhar por conta própria/trabalhar em negócio da família	7	3%
Ainda não decidi	13	6%
Tenho outro plano	8	4%
NR	51	24%
Total	217	100%

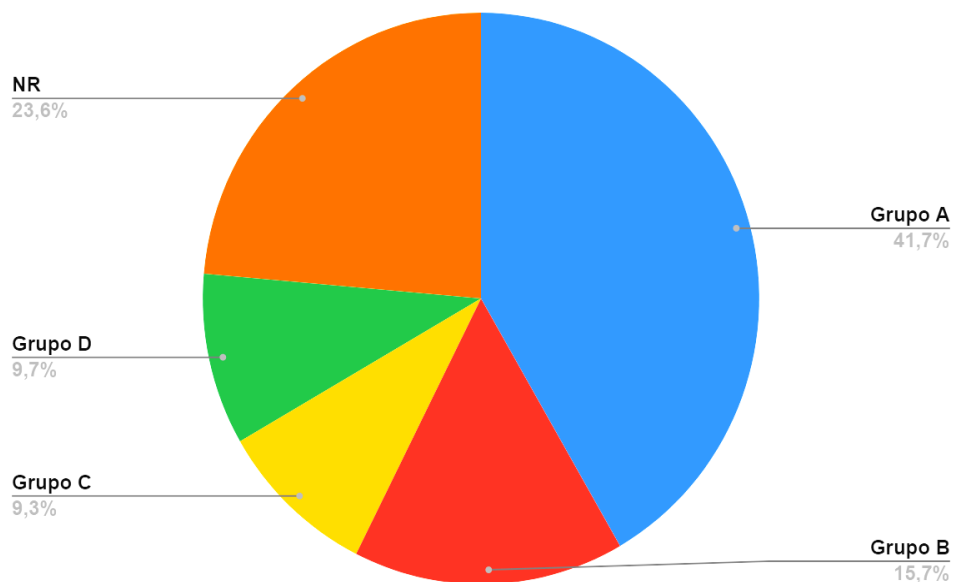
A tabela mostra que uma grande parcela dos estudantes (25%) pretende continuar sua escolarização fazendo um curso superior, ao mesmo tempo que uma outra grande parcela (24%) não respondeu essa questão.

Ao juntarmos os estudantes que marcaram que querem prestar vestibular e continuar os estudos, fazer o vestibular e continuar a trabalhar e fazer um curso profissionalizante, temos um pouco mais da metade dos alunos que entendem que o prolongamento dos estudos é uma forte possibilidade para o futuro. Esse dado me mostra que a ideia da escolarização prolongada é algo essencial, para esses estudantes, para atingir seus objetivos.

Com essa tabela em mente, resolvi organizar esses estudantes em quatro grupos para me ajudar a entender o perfil desses indivíduos a partir das respostas que foram marcadas por eles e levando em consideração que a pergunta solicita para marcarem a opção **principal** dentro das opções apresentadas. Ou seja, entendo que a opção marcada pelos alunos era a que mais eles empreendem energia para que aconteça.

No primeiro grupo estão os estudantes que almejam continuar seus estudos e não deixaram claro a concomitância do estudo com o trabalho. Esse grupo é denominado **Grupo A** e tem a maior parcela dos alunos. O **Grupo B** é dos estudantes que querem trabalhar e não deixaram claro que queriam conciliar com os estudos. O **Grupo C**

compreende os estudantes que depois que acabarem o ensino médio querem continuar os estudos e trabalhar concomitantemente. E por último o **Grupo D** é dos estudantes que marcaram que tinham outro um plano que não estava na lista de opções ou que ainda não tinham decidido o que fazer depois do ensino médio. Abaixo está o gráfico que mostra a proporção dos respondentes em cada grupo.



Eu optei por não colocar na divisão dos grupos os estudantes que não responderam porque tinha uma opção que podia contemplá-los e eles não foi marcada por eles. Entendo que a pergunta estava no final do *survey* e possivelmente os alunos podiam estar cansados de responder às perguntas do instrumento de avaliação.

Mesmo assim, achei que deveria pelo menos saber quem eram essas pessoas que não marcaram nenhuma opção. Nesse conjunto, a maioria são jovens na faixa etária dos 18 a 24 anos, correspondendo a 40% do total do conjunto; das 50 pessoas desse grupo 29 são mulheres (57%) e 21 são homens (41%); e 45% desse conjunto se consideram pardos, 24% são pretos, 22% são brancos e 6% se consideram amarelos.

No começo de cada grupo terá um quadro que mostra os dados com a maior porcentagem, demonstrando a tendência de cada grupo.

3.3.1 Grupo A

Quadro 1 - Perfil do Grupo A	
Jovens	53%
Mulheres	71%
Parda	45%
Trabalharam e estudaram ao mesmo tempo	82%
Começaram a trabalhar entre 16-18 anos	41%
Têm trabalho fixo	39%
Têm trabalho remunerado	59%
Recebem entre 1-2 salários mínimos	31%
Não têm carteira assinada	48%
Trabalham entre 6 e 8 horas/dia	30%
Trabalham no turno da manhã	67%
Não fizeram curso profissionalizante	52%
Estudaram em escola pública	85%
Nunca repetiram o ensino fundamental	43%
Nunca abandonaram o ensino fundamental	58%
Terminaram o E.F com 16-19 anos	36%
Concluíram o E.F no ensino regular	57%
Entraram no E.M com mais de 30 anos	37%
Nunca repetiram o ensino médio	65%
Nunca abandonaram o ensino médio	49%
Entraram na EJA para concluir mais rápido	50%

Como está no quadro, 53% dos 91 estudantes desse grupo são jovens, mas ao separar esse grupo em faixas etárias percebe-se os não jovens estão em maior

quantidade nesse grupo, pois 39 estudantes estão na faixa etária de 18-24 anos (43%), 9 estão na faixa dos 25-29 anos (10%) e 43 tem mais de 30 anos (47%).

Ter mais pessoas com mais de 30 anos nesse mostra que os adultos que voltaram à escola pretendem dar continuidade a sua escolarização e não querem parar somente na educação básica. Esse dado corrobora a escolha desse grupo pela EJA por ser mais rápida que o ensino regular para atingir seus objetivos.

As mulheres também são maioria nesse grupo, correspondendo a 71%. O resultado não poderia ser diferente já que as mulheres são maioria no banco de dados da pesquisa e já adianto que essa é uma tendência em todos os grupos. Suponho que essa dominância de mulheres no banco de dados, e por consequência nos grupos, acontece porque muitas tiveram filhos¹⁵ e possivelmente interromperam os estudos e agora estão retornando para concluir os estudos. Algo que geralmente não acontece com os homens, mesmo se tornando pais muitos conseguem manter a concomitância do estudo e trabalho.

Embora esses dados estejam em conflito uma vez que os próprios estudantes, em sua maioria, marcaram que nunca abandonaram o ensino fundamental ou o ensino médio. Ainda que 27% disseram que repetiram o ensino fundamental uma vez e 20% disseram que repetiram o ensino médio uma vez.

Outro conflito está no fato dos alunos que responderam que nunca repetiram ou abandonaram o ensino fundamental a maioria concluíram essa etapa com uma distorção idade série, pois espera-se que concluam o ensino fundamental entre 14 e 15 anos de idade. 36% terminaram na faixa etária dos 15- 19 anos e 26% com mais de 30 anos de idade, somente 18 estudantes (20%) terminaram o ensino fundamental na idade esperada.

Penso que essas incongruências dos dados podem ser devido a vergonha que muitos possam ter em assumir que repetiu algum ano de escolaridade devido a uma certa pressão social que espera que as crianças e jovens tenham sucesso escolar sem nenhum percalço no caminho. Afinal, quem iria gostar de assumir algo de sua trajetória que não se orgulha?

¹⁵ Conforme os dados que estão no capítulo 1, 66% das mulheres tiveram filhos e, dessas que tiveram filhos, 36% tiveram na faixa dos 15-19 anos. Idade que corresponde ao ensino médio.

Um fato interessante é que 82% dos estudantes em algum momento já trabalharam e estudaram ao mesmo tempo, embora tenham dito que pretendem continuar os estudos sem a concomitância do trabalho, mesmo estando procurando uma formação para trabalhar. Neste grupo, 39% tem trabalho fixo. Mesmo sendo uma proporção alta de quem trabalha, 28% dos estudantes estão desempregados e procuram um emprego e 16% fazem bicos, ou seja, trabalham informalmente.

Em relação à idade em que começaram a trabalhar, 61% iniciaram a vida no mundo do trabalho antes dos 18 anos. 59% tem um trabalho remunerado desses 51 estudantes, 31% recebem entre 1 e 2 salários mínimos e 48% têm carteira assinada.

Em relação às horas trabalhadas por dia, 30% trabalham entre 6-8 horas e 19% trabalham mais de 8 horas por dia e 67% trabalham no turno da manhã mesmo que eu ache que eles não trabalham somente no turno da manhã. Possivelmente o início do trabalho seja na parte da manhã e adentra o turno da tarde.

3.3.2 Grupo B

Quadro 2 - Perfil do Grupo B	
Jovens	62%
Mulheres	65%
Parda	62%
Trabalharam e estudaram ao mesmo tempo	65%
Começaram a trabalhar entre 10-15 anos	35%
Não trabalham, mas procuram emprego	43%
Não têm trabalho remunerado	85%
Não recebem salário	53%
Não têm carteira assinada	65%
Não se aplica a carga horária	36%
Trabalham no turno da manhã	50%
Não fizeram curso profissionalizante	50%

Estudaram em escola pública	88%
Nunca repetiram o ensino fundamental	29%
Nunca abandonaram o ensino fundamental	47%
Terminaram o E.F com 16-19 anos	35%
Concluíram o E.F no ensino regular	53%
Entraram no E.M com mais de 30 anos	38%
Nunca repetiram o ensino médio	59%
Nunca abandonaram o ensino médio	68%
Entraram na EJA para concluir mais rápido	37%

Como acontece no Grupo A, a maior parte desse grupo são de jovens. Porém ao separar em faixa etária a maior parte tem entre 18-24 anos, dos 34 estudantes, 15 estão na faixa dos 18-24 anos (44%), 13 tem mais de 30 anos (38%) e 6 têm entre 25- 29 anos (18%).

Nesse grupo há também mais mulheres (65%) do que homens (35%) e ao colocar os números absolutos a diferença entre os dois gêneros é de apenas 10 pessoas. Em relação a cor, 21 pessoas se consideram pardas (62%), 6 se consideram brancas (18%) e 5 se consideram pretas (15%).

O interessante desse grupo é que a maioria dos estudantes não estão empregados (43%) e 33% está trabalhando informalmente. O fato interessante é que o fato de o grupo com a maior porcentagem de desempregados e que fazem bicos almeja exclusivamente trabalhar após terminar a educação básica.

Eu identifiquei que como esses alunos estão fora do mundo do trabalho, possivelmente queiram concluir a educação básica para conseguir uma certificação e mostrarem que estão aptos para o mercado de trabalho mesmo que o término da escolarização não seja garantia para conseguir um emprego formal.

Conseqüentemente, 53% responderam que não se aplicam na questão sobre o trabalho remunerado e remuneração e 65% não têm carteira assinada. 65% dos

estudantes desse grupo já estudaram e trabalharam ao mesmo tempo e 24% começaram a trabalhar na faixa etária dos 10 a 15 anos. Aqueles que trabalham responderam que a sua carga horária laboral é de até 8 horas (39%).

Em relação aos estudos, 88% dos alunos são oriundos da escola pública, 29% dos estudantes nunca repetiram o ensino fundamental ou o repetiram duas vezes, 47% marcaram que nunca abandonaram o ensino fundamental, embora 31% disseram que abandonaram uma vez esse nível de ensino e 35% terminaram o ensino fundamental entre 16 e 19 anos. A entrada no ensino médio foi tardia para a maior parte dos alunos, 38% disseram que entraram no ensino médio com mais de 30 anos e 59% disseram que nunca repetiram esse nível de ensino assim como 68% nunca abandonaram o ensino médio.

3.3.3 Grupo C

Quadro 3 - Perfil do Grupo C	
Jovens	85%
Mulheres	65%
Parda	50%
Trabalharam e estudaram ao mesmo tempo	95%
Começaram a trabalhar entre 10-15 anos	40%
Têm trabalho fixo	37%
Têm trabalho remunerado	53%
Recebem até 1 salário mínimo	40%
Não têm carteira assinada	63%
Trabalham mais de 8 horas e não tem horário definido	20%
Trabalham no turno da manhã	65%
Fizeram curso profissionalizante	63%
Estudaram em escola pública	77%
Repetiram duas vezes o ensino fundamental	45%

Abandonaram 1 vez o ensino fundamental	45%
Terminaram o E.F com 16-19 anos	65%
Concluíram o E.F no ensino regular	60%
Entraram no E.M entre 18-19 anos	45%
Nunca repetiram o ensino médio	50%
Nunca abandonaram o ensino médio	89%
Entraram na EJA para concluir mais rápido	42%

O grupo C é o menor dos quatro em relação à quantidade de pessoas que marcaram essa opção. Ele tem uma total de 20 alunos, correspondendo a 9% do total. Dos 20 alunos, 85% são jovens, 65% são mulheres e 50% são pardos.

Em relação à faixa etária, 13 alunos (65%) estão na faixa de 18-24 anos, 4 alunos (20%) estão na faixa de 25-29 anos e 3 alunos (15%) com mais de 30 anos.

Em relação ao trabalho, 37% marcaram que tem trabalho fixo e a porcentagem dos que não trabalham, mas procuram emprego e que fazem bicos é de 26%, a segunda maior. 95% desses alunos já trabalharam e estudaram ao mesmo tempo e pelo jeito pretendem continuar combinando trabalho com estudos.

Como nos outros grupos, a maioria dos estudantes começaram a trabalhar cedo entre os 10 e 15 anos, 85% marcaram essas opções. E 37% disseram que tem um trabalho fixo e 26% responderam que não trabalha, mas procura emprego ou fazem bicos. Vale lembrar que talvez essa entrada no mundo do trabalho mais cedo seja feita a partir do acesso a funções mais informais.

Posso dar como exemplo minha própria experiência, eu comecei a trabalhar a partir dos meus 15 anos, mas não era um emprego com suas formalidades. Eu trabalhava auxiliando a minha tia que é fotógrafa e me levava para ajudá-la nas gravações de casamentos, aniversários, entre outros eventos. Por esse trabalho eu conseguia ganhar em torno de 60 reais por festa e era com esse dinheiro que eu comprava minhas “besteiras” sem precisar pedir dinheiro aos meus pais.

A maioria recebe até um salário mínimo, corresponde a 40% e não tem carteira assinada (63%), o que corrobora a minha experiência relatada, pois mesmo eu tendo esse compromisso todo final de semana durante cinco anos eu não tinha carteira assinada.

Esse grupo é o único em que a maioria dos alunos fizeram algum curso profissionalizante, 63% deles marcaram essa opção. Sobre a trajetória escolar desse grupo, 77% dos alunos estudaram em escola pública, 45% repetiram duas vezes o ensino fundamental e 45% abandonaram uma vez esse nível de ensino. 45% entraram no ensino médio entre 18 e 19 anos e 50 % nunca repetiram esse nível de ensino.

3.3.4 Grupo D

Quadro 4 - Perfil do Grupo D	
Jovens	76%
Mulheres	57%
Parda	52%
Trabalharam e estudaram ao mesmo tempo	81%
Começaram a trabalhar entre 16-18 anos	43%
Têm trabalho fixo	61%
Têm trabalho remunerado	58%
Recebem entre 1-2 salários mínimos	45%
Não têm carteira assinada	50%
Não se aplica a carga horária de trabalho	24%
Trabalham no turno da manhã	62%
Não fizeram curso profissionalizante	70%
Estudaram em escola pública	76%
Nunca repetiram o ensino fundamental	38%

Nunca abandonaram o ensino fundamental	62%
Terminaram o E.F com 16-19 anos	48%
Concluíram o E.F no ensino regular	85%
Entraram no E.M até 17 anos	48%
Nunca repetiram o ensino médio	47%
Nunca abandonaram o ensino médio	45%
Entraram na EJA para concluir mais rápido	50%

O grupo D é formado pelos 21 alunos que ainda não tinham decidido o que fazer depois da escola ou tinha outro plano diferente dos que foram listados para marcação na pergunta. Esse grupo também tem a maioria de jovens (76%), precisamente constituído pelos jovens que estão na faixa de 18-24 anos, já que não há, nesse grupo, jovens que tenham entre 25-29 anos. A porcentagem restante (24%) é de pessoas com mais de 30 anos. Como os outros grupos, a maioria são mulheres (57%) e pardos (50%).

Boa parte dos alunos começaram a trabalhar entre 16 e 18 anos (40%). Pressuponho que os jovens começaram a trabalhar nessa idade devido algumas políticas públicas, como o Jovem Aprendiz, que estimularam a oferta de emprego para os jovens. 37% tem trabalho fixo, mas 26% dos estudantes não trabalham, mas procuram emprego ou fazem bicos. Um pouco mais da metade tem trabalho remunerado (53%), mas recebem entre 1 e 2 salários mínimos (45%) e 50% não têm carteira assinada.

Sobre a trajetória escolar, a maioria estudou em escola pública durante toda a sua vida acadêmica (76%), nunca repetiram ou abandonaram o ensino fundamental, embora 48% disseram que terminaram este nível de ensino com 16 a 19 anos no ensino regular.

O perfis são semelhantes em alguns aspectos, por exemplo, todos os grupos têm em sua maioria estudantes que são mulheres jovens que vieram do ensino público regular, apresentam uma pequena distorção idade-ano de escolaridade, não têm carteira assinada, mas em algum momento conciliaram escola com trabalho e entraram para a EJA como forma de concluir a educação básica de forma mais rápida.

O interessante é que o único perfil em que a maioria dos estudantes fizeram algum tipo de curso profissionalizante foi o Grupo C. Os grupos B e C são os grupos de estudantes que estão mais próximos do mundo do trabalho do que os outros dois, mostrando que em sua maioria começaram a trabalhar antes dos 16 anos. Enquanto os grupos A e D começaram a trabalhar depois dos 16 anos de idade, em sua maioria.

Outro fato interessante é que aqueles que se veem continuando os estudos depois da escolarização básica tem algum tipo de trabalho remunerado, enquanto aqueles que almejam um emprego, assim que terminam o ensino médio, não tem trabalho.

Conclusão

Primeiramente, gostaria de deixar claro que não existe uma única forma de chegar e experimentar vida adulta. Podem haver vários eventos de transição que ocorrem em momentos diferentes da vida, sem que tenha alguma validação institucional.

Por exemplo, ter um emprego para toda a vida não é mais uma opção segura, sair da casa dos pais não é uma decisão definitiva, as relações conjugais não precisam seguir uma única forma (surgem as discussões sobre os *trissais*, o poliamor e o relacionamento aberto), as possibilidades de moradia extrapolaram os limites das nações-Estados, entre outras tantas perspectivas.

Percebi em minha pesquisa a partir dos dados coletados que os mais jovens e as mulheres estão incorrendo no maior risco social. São eles que estão nas margens, recebem menos e estão menos protegidos pela seguridade social.

Eu esperava que a trajetória escolar me ajudasse, de certa forma, a prever o que os jovens estão planejando para seu futuro, mas com meu grupo de análise não pude perceber esse fenômeno, pois a trajetória escolar dos grupos são similares.

Percebi que os estudantes que responderam o *survey* tiveram trajetórias muito parecidas e similaridade também aparece nas expectativas de futuro desses alunos. Na verdade, o que demonstra ser diferente são as condições reais em que esses alunos se encontram.

Por exemplo, entendi que a diferença de expectativas para o futuro após a conclusão do ensino médio entre os alunos do grupo A e grupo B é que no primeiro grupo há mais pessoas que trabalham e têm uma renda do que no segundo grupo. Ou seja, para esses jovens pensar num prolongamento dos seus estudos está atrelado a situação de trabalho em que se encontra.

O que isso quer dizer: para esses estudantes pensar em fazer um ensino superior depende de eles estarem empregados ou não. Os estudantes do grupo A e C, que em sua maioria estão empregados, sentem-se mais confortáveis em continuar seus estudos,

mesmo que haja concomitância entre trabalho e estudo. Enquanto os estudantes do Grupo B, que a maioria não tem emprego ou são trabalhadores informais, almejam para o futuro seguir no mundo do trabalho.

A transição para a vida adulta é organizada e materializada a partir das trajetórias desses jovens. Ou seja, não há uma única forma de se tornar adulto.

Então, acredito que a construção de uma expectativa e projeto para o futuro se deu para esse grupo a partir da internalização das condições reais de suas vidas, tendo em vista que os grupos que pretendiam prolongar sua estada no sistema educativo estavam empregados e portanto, em teoria, não tinham muitas preocupações. Diferentemente do grupo que ao sair do ensino médio queria entrar logo no mundo do trabalho para possivelmente ter meios de subsistência.

Acredito que os estudantes dos grupos A e C têm mais chances e uma margem maior de planejamento de pensar em projetos para o futuro, por estarem empregados, do que os estudantes do grupo B que estão pensando, e talvez necessitando mais, em pensar no agora, no hoje e por isso a escolarização mais prolongada não está em seu campo de possibilidades.

Mesmo assim, acho que os quatro grupos têm um projeto de futuro já que eles escolheram deliberadamente a EJA para conseguir a certificação. Essa escolha foi uma ação intencional desses jovens para atingir um determinado fim. Devido aos limites de trabalho com um *survey*, não consigo saber se os objetivos foram concretizados.

Defendo a ideia de que as ações intencionais, ou não, dos jovens estão ligadas às suas expectativas para o próprio futuro. Explicando um pouco mais, quer dizer que até mesmo aquele sujeito que por algum motivo tem uma postura um tanto *blasé*¹⁶ e que até certo ponto não tem expectativa para o futuro diz muito sobre o tempo vindouro. Nos mostra que as opções que esse sujeito tem dentro de seu campo de possibilidade não lhe são interessantes.

¹⁶ Utilizo esse termo a partir da discussão que VELHO (1994) faz em parte de seu livro “Projeto e metamorfose”

Além disso, até mesmo aquele estudante que, por alguma razão, decide abandonar a educação formal nos mostra que esse tipo de educação não é relevante para as suas expectativas, o que não quer dizer que num momento posterior ele opte por fazer um retorno à escola pois nesse momento talvez ela trará ferramentas para a sua vida.

Como foi mostrado, os projetos, tanto individuais ou coletivos, assim como as trajetórias, são dinâmicos e são passíveis de mudanças constantes, ocasionando uma reversibilidade das expectativas para o futuro.

A escola não deveria focar somente no preparo para o trabalho assalariado, nem tampouco ser uma extensão dos conteúdos do ensino fundamental. A escola deve ser um meio para que os jovens aprendam todos, ou pelo boa parte do que é de seus interesses, os aspectos da condição humana.

Ela deve ajudar na elaboração dos projetos de vida. Porém pensar no futuro não é, ou pelo menos não deveria ser, pensar somente no trabalho que irá exercer no futuro. Pode-se abrir uma aba para refletir no propósito de sua vida em sociedade. Pensar seu projeto para além de si, para toda sociedade.

Como já foi dito, a escola tem um papel fundamental na construção e ampliação das possibilidades de projetos, principalmente dos profissionais. Porém, nem sempre os jovens têm espaço para experimentar e perceber as possibilidades de suas projeções e podem ficar perdidos. Obviamente a escola não é a única responsável, pois a concretização de um sonho ou desejo também depende de condições sociais que são externas à escola.

De uma forma muito paradoxal, os jovens acham que a juventude lhes trará mais liberdade para agir conforme seus preceitos, tendo como meta a própria independência financeira. Em contrapartida, essa liberdade só é obtida a partir da aquisição de novas responsabilidades. O que é considerado por muitos jovens como o final de um processo para se tornar adulto.

Outro paradoxo é a cobrança da profissionalização que é feita pelos próprios jovens, e pela sociedade, porém não há boas oportunidades para essa

profissionalização. Esse paradoxo acaba afetando a obtenção da independência financeira e por consequência a sua liberdade.

Para terminar o meu trabalho, acho necessário ter uma discussão sobre o espaço da Educação de Jovens e Adultos nas licenciaturas das Universidades, principalmente o debate sobre a juvenilização dessa modalidade de ensino.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Maria Zenaide; DAYRELL, Juarez. Ser alguém na vida: um estudo sobre jovens do meio rural e seus projetos de vida. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.41, n. 2, p. 375-390, abr/jun. 2015 . Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ep/v41n2/1517-9702-ep-41-2-0375.pdf>
- ANDRADE, Rodrigo Coutinho. A Educação de Jovens e Adultos e o programa Nova EJA: um olhar analítico sobre a categoria trabalho para formar trabalhadores. **Revista Tamoios**. São Gonçalo. ano 10, n.2, p.35-56, jul/dez 2014. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/tamoios/article/view/13078/11813>
- ANDRADE, Sandra dos Santos. O que fazer no ano que vem? Articulações entre juventude, tempo e escola.. **Educação em Revista**. Belo Horizonte, v. 33, e. 158274, 2017. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-46982017000100119&script=sci_abstract&tlng=pt
- BOURDIEU, Pierre. A juventude não é mais que uma palavra. **Questões de Sociologia**, Rio de Janeiro, Marco Zero, 1983, 112-121.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. *In*: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro (Rio de Janeiro): Editora da FGV, 1986. p.183-191.
- BRASIL. Lei Nº 12.852, de 5 de agosto 2013. **Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude - SINAJUVE**. Brasília, DF. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ Ato2011-2014/2013/Lei/L12852.htm
- BRASIL. Secretaria Nacional de Juventude. **Estação juventude: conceitos fundamentais - ponto de partida para uma reflexão sobre políticas públicas de juventudes**. SNJ, Brasília, 2014.
- BRASIL. Lei Nº10.097, de 19 de dezembro de 2000. **Altera dispositivos da Consolidação das Leis do Trabalho – CLT aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943**. Brasília, DF. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l10097.htm
- CATANI, Afrânio Mendes (Org.). **O Vocabulário Bourdieu**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017
- CANTANEJO, Marriete de Souza. **Jovens no limbo: um estudo exploratório da EJA diurno no município de Duque de Caxias**. (Dissertação) - Universidade Federal do estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.
- CHARLOT, Bernard. Valores e normas da juventude contemporânea. *In*: **Sociologia da educação: Pesquisa e realidade brasileira**. PAIXÃO, Léa Pinheiro; ZAGO, Nadir. 2. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2011.

CORROCHANO, Maria Carla. Jovens no ensino médio: qual lugar do trabalho?. *In:DAYRELL, Juarez (Org.). **Juventude e ensino médio**: sujeitos e currículos em diálogo.* Minas Gerais (Belo Horizonte). Editora UFMG, 2014. p.205-228.

DAMON, William. **O que o jovem quer da vida?** Como pais e professores podem orientar e motivar adolescentes. São Paulo: Summus, 2009.

DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo. Juventude e ensino médio: quem é esse aluno que chega à escola. *In:DAYRELL, Juarez (Org.). **Juventude e ensino médio**: sujeitos e currículos em diálogo.* Minas Gerais (Belo Horizonte). Editora UFMG, 2014. p. 101-133.

DAYRELL, Juarez (Org.). **Família, escola e juventude**: olhares cruzados Brasil-Portugal. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

LACHTIM, Sheila Aparecida Ferreira; SOARES, Cássia Baldini. Valores atribuídos ao trabalho e expectativa de futuro: como os jovens se posicionam? **Trabalho, Educação e Saúde** (Online), Rio de Janeiro , v. 9, n. 2, p. 277-294, Oct. 2011. Disponível em: <http://www.revista.epsjv.fiocruz.br/upload/revistas/r400.pdf>

LEÃO, Geraldo; DAYRELL, Juarez Tarcísio; REIS, Juliana Batista dos. Juventude, projetos de vida e ensino médio. **Educação & Sociedade**, Campinas , v. 32, n. 117, p. 1067-1084, Dec. 2011. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302011000400010.

LEÃO, Geraldo; DAYRELL, Juarez Tarcísio ; REIS, Juliana Batista dos. Jovens olhares sobre a escola do ensino médio. **Cadernos CEDES**, Campinas , v. 31, n. 84, p. 253-273, Aug. 2011. Disponível em:https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-32622011000200006&script=sci_abstract&tlng=pt

LECCARDI, Carmen. . Para um novo significado do futuro: mudança social, jovens e tempo. **Tempo Social**, São Paulo. v.17, n. 2, p. 35-57. nov.2005. Disponível em:https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702005000200003

MACHADO, Maria Margarida. A educação de jovens e adultos:após 20 anos da Lei nº9.394, de 1996. **Revista Retratos da Escola**. Brasília, v. 10, n. 19, p. 429-451, jul./dez. 2016. Disponível em: <<http://www.esforce.org.br>> d

MAIA, Ana Augusta Ravasco Moreira; MANCEBO, Deise. Juventude, trabalho e projetos de vida: ninguém pode ficar parado. **Psicologia:ciência e profissão**, Brasília, v.30,n.2,p.376-389,2010. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-98932010000200012&script=sci_abstract&tlng=pt

MARGULIS, Mario e URRESTI, Marcelo. La Juventud es más que una palabra. *In: **Ensayos sobre cultura y juventud***. Editorial Biblos, 1996.

NOVAES, Regina Juventude e Sociedade: jogos de espelhos. Sentimentos, percepções e demandas por direitos e políticas públicas. **Revista Sociologia Especial**, Ciência e Vida, SP 2007.

NOVAES, Regina. Juventude: políticas públicas, conquistas e controvérsias. In: **Juventude em foco**. São Paulo, v.1,p.39-74, 2013.

NOVAES, Regina. Os jovens de hoje: contextos, diferenças e trajetórias. *In*: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de, EUGENIO, Fernanda (orgs.) **Culturas jovens: novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006, p. 105-120.

PAIS, José Machado. A construção sociológica da juventude- Alguns atributos. **Análise Social**, [Portugal] vol XXV (105-106), 1990, pgs 139-165.

PAIVA, Jane. Histórico da EJA no Brasil: descontinuidades e políticas públicas insuficientes. *In*: Boletim 16. Ministério da Educação, Secretaria de Educação à distância. Setembro de 2006. Disponível em:
http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf2/boletim_salto16.pdf

PEREGRINO, Mônica. Juventude, trabalho e escola: elementos para análise de uma posição social fecunda. **Cadernos CEDES**, Campinas, v. 31, n. 84, p. 275-291, Aug. 2011.

PEREGRINO, Mônica. Efeitos das Políticas de Correção de Fluxo sobre as gerações escolares que frequentam o Ensino Médio na modalidade de Jovens e Adultos no Rio de Janeiro. **Revista Educação e cultura contemporânea**. Rio de Janeiro, v.16, n.46, p.372-403, 2019. Disponível em:
<http://periodicos.estacio.br/index.php/reeduc/article/viewArticle/4714>

PIMENTA, M. M. **Ser jovem e ser adulto**: identidades, representações e trajetórias. 2006. Tese (Doutorado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

RIO DE JANEIRO. Secretaria de Estado de Educação (SEEDUC). Resolução 5.330 de 10 de setembro de 2015. **Fixa diretrizes para implantação das matrizes curriculares para a educação básica nas unidades escolares da rede pública e dá outras providências**. Disponível em:
http://www.silep.planejamento.rj.gov.br/resolucao_seeduc_n_5_330_-_102.htm

VELHO, Gilberto. **Projeto e metamorfose**: antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

VENTURA, Jaqueline. A oferta de Educação de Jovens e Adultos de nível médio no estado do Rio de Janeiro: primeiras aproximações. **Revista Brasileira de Educação de Jovens e Adultos**, v.4,n.8, p.09-35, 2016. Disponível em:
<https://revistas.uneb.br/index.php/educajovenseadultos/article/view/3089>

WELLER, Wivian. Jovens no ensino médio: projetos de vida e perspectivas de futuro. *In*: DAYRELL, Juarez (Org.). **Juventude e ensino médio**: sujeitos e currículos em diálogo. Minas Gerais (Belo Horizonte). Editora UFMG, 2014. p.135-153.

ANEXO A

Quadro comparativo entre a população jovem de Duque de Caxias e o banco de dados - Gênero				
	População jovem de Duque de Caxias		Jovens do Banco de Dados	
	Frequência	Porcentagem	Frequência	Porcentagem
Homens	411074	49,36%	75	34,90%
Mulheres	443974	50,64%	140	65,10%

P2 - faixa etária		
Faixa de idade		
	Frequência	Porcentagem
18-24 anos	102	47%
25-29 anos	31	14%
mais de 30	81	37%
Não responderam	3	1,4%
Total	217	100%

P3 - raça/cor		
Jovens do Banco de dados - cor/raça		
	Frequência	Porcentagem
Branços	47	21,7%
Pretos	42	19,4%
Pardos	106	48,8%
Amarelos	9	4,1%
Indígenas	3	1,4%
Não responderam	10	4,6%

P4 - Local de nascimento - regiões		
Região	Frequência	Porcentagem
Nordeste	24	11,06%

Sudeste	181	83,41%
---------	-----	--------

Município de nascimento no Rio de Janeiro		
	Frequência	Porcentagem
Araruama	1	1%
Belford Roxo	10	6%
Duque de Caxias	106	66%
Itaperuna	2	1%
Magé	3	2%
Nova Iguaçu	1	1%
Rio de Janeiro	29	18%
São Gonçalo	2	1%
São João de Meriti	6	4%
Total	160	100%

P5 - Local de moradia		
Município	Frequência	Porcentagem
São João de Meriti	2	1%
Belford Roxo	29	13%
Duque de Caxias	178	82%
Magé	2	1%
Rio de Janeiro	2	1%

P6 - Tempo que mora no local		
Tempo	Frequência	Porcentagem
até 10 anos	56	25,81%
até 20 anos	66	30,41%
até 30 anos	45	20,74%
até 40 anos	22	10,14%

até 50 anos	5	2,30%
até 60 anos	169	77,88%
até 70 anos	1	0,46%
Não responderam	18	8,29%

P7 - Tem filhos?		
sim	121	55,8%
não	95	43,8%
Não responderam	1	0,5%
Total	217	100%

P 7.1 - quantidade de filhos		
1 - 2 filhos	86	40%
3 -4 filhos	27	12%
Mais de 5 filhos	8	4%
Não tem filhos	91	42%
NR	5	2%
Total	217	100%

P7.2 - Com que idade teve o primeiro filho		
13 - 14 anos	2	1%
15 - 19 anos	56	26%
20 - 24 anos	36	17%
25 - 29 anos	15	7%
Mais de 30	10	5%
NA	91	42%
NR	7	3%
Total	217	100%

P8 - estado civil		
Estado civil	frequência	porcentagem
solteiro	99	46%
separado	10	5%
casado	49	23%
viúvo	2	1%
mora junto	39	18%
NA	5	2%
NR	13	6%
Total	217	100%

P9 - religião		
Religião	Frequência	Porcentagem
Evangélica Pentecostal	106	49%
Evangélica NeoPentecostal	26	12%
Católica	27	12%
Espírita Kardecista	3	1%
Umbanda	1	0%
Candomblé	6	3%
Outra	3	1%
Não tem religião, mas acredita em Deus	38	18%
Não tem religião, nem crê em Deus ou força superior	2	1%
NS	1	0%
NR	4	2%

Cruzamento sexo - cor/raça					
	Frequência	Porcentagem		Frequência	Porcentagem
Homens brancos	14	19%	Mulheres brancas	33	24%
Homens pretos	13	18%	Mulheres pretas	28	20%

Homens pardos	38	52%	Mulheres pardas	67	49%
Homens amarelos	3	4%	Mulheres amarelas	6	4%
Homens indígenas	2	3%	Mulheres indígenas	1	1%
NR	3	4%	NR	3	2%
Total	73	100%	Total	138	100%

Cruzamento sexo - Local de nascimento				
	Homens		Mulheres	
	Frequência	Porcentagem	Frequência	Porcentagem
Região Nordeste	9	12%	14	10%
Região Sudeste	62	83%	115	83%
NR	4	5%	10	7%
Total	75	100%	139	100%

Cruzamento sexo-Local de moradia				
	Homens		Mulheres	
	Frequência	Porcentagem	Frequência	Porcentagem
Duque de Caxias	60	80%	116	83%
Belford Roxo	10	13%	19	14%
São de João de Meriti	1	1%	1	1%
Magé	1	1%	1	1%
Rio de Janeiro	1	1%	1	1%
NR	2	3%	2	1%
Total	75	100%	140	100%

Cruzamento sexo - filhos				
	Homens		Mulheres	
	Frequência	Porcentagem	Frequência	Porcentagem
Sim	27	36%	93	66%
Não	47	63%	47	34%
NR	1	1%	0	0%
Total	75	100%	140	100%

Cruzamento sexo - quantidade de filhos				
	Homens		Mulheres	
	Frequência	Porcentagem	Frequência	Porcentagem
1-2 filhos	23	31%	62	44%
3-4 filhos	3	4%	24	17%

Mais de 5 filhos	1	1%	7	5%
Não tem filhos	45	60%	45	32%
NR	3	4%	2	1%
Total	75	100%	140	100%

Cruzamento sexo - idade que teve o primeiro filho				
	Homens		Mulheres	
	Frequência	Porcentagem	Frequência	Porcentagem
13 - 14 anos	0	0%	2	1%
15 - 19 anos	4	5%	51	36%
20 - 24 anos	13	17%	23	16%
25 - 29 anos	6	8%	9	6%
acima de 30 anos	3	4%	7	5%
Não tem filhos	45	60%	45	32%
NR	4	5%	3	2%
Total	75	100%	140	100%

Cruzamento sexo - estado civil				
	Homens		Mulheres	
	Frequência	Porcentagem	Frequência	Porcentagem
Solteiro (a)	40	53%	58	41%
Separado (a)	2	3%	8	6%
Casado (a)	8	11%	41	29%
Viúvo (a)	0	0%	2	1%
Mora junto	15	20%	23	16%
NA	4	5%	1	1%
NR	6	8%	7	5%
Total	75	100%	140	100%

Cruzamento sexo - religião				
	Homens		Mulheres	
	Frequência	Porcentagem	Frequência	Porcentagem
Cristianismo	48	64%	109	78%
Kardecismo	0	0%	3	2%
Umbanda	0	0%	1	1%
Candomblé	3	4%	3	2%
Outra religião	2	3%	1	1%
Agnóstico	2	3%	0	0%
Não tem religião, mas acredita numa força maior	16	21%	22	16%
NR	4	5%	1	1%
Total	75	100%	140	100%

Cruzamento sexo - renda familiar				
	Homens		Mulheres	
	Frequência	Porcentagem	Frequência	Porcentagem
Até 1 salário mínimo	18	25%	48	35%
1 a 2 salário mínimo	31	43%	39	29%
2 a 5 salários mínimos	10	14%	13	10%
Mais de 5 salários mínimos	2	3%	2	1%
NR	11	15%	34	25%
Total	72	100%	136	100%

Cruzamento sexo - Atualmente trabalha?				
	Homens		Mulheres	
	Frequência	Porcentagem	Frequência	Porcentagem
Não trabalha, estuda e não procura emprego	2	3%	11	8%
Não trabalha e está procurando emprego	18	24%	42	30%
Tem trabalho fixo	31	41%	41	29%

Faz bicos	16	21%	26	19%
Ajuda nos afazeres domésticos	0	0%	11	8%
Aposentado	0	0%	2	1%
NA	6	8%	3	2%
NR	2	3%	4	3%
Total	75	100%	140	100%

Cruzamento sexo - trabalho remunerado				
	Homens		Mulheres	
	Frequência	Porcentagem	Frequência	Porcentagem
Trabalha com remuneração	45	60%	57	41%
Trabalha sem remuneração	17	23%	26	19%
NA	12	16%	44	31%
NR	1	1%	13	9%
Total	75	100%	140	100%

Cruzamento sexo - remuneração				
	Homens		Mulheres	
	Frequência	Porcentagem	Frequência	Porcentagem
Até um salário mínimo	15	20%	39	28%
1 - 2 salários mínimos	37	49%	20	15%
2 -5 salários mínimos	2	3%	1	1%
NA	14	19%	57	42%
NR	7	9%	20	15%
Total	75	100%	137	100%

Cruzamento sexo - carteira assinada				
	Homens		Mulheres	
	Frequência	Porcentagem	Frequência	Porcentagem
Tem carteira assinada	29	39%	37	27%
Não tem carteira assinada	40	53%	70	51%
NA	5	7%	27	20%
NR	1	1%	4	3%

Total	75	100%	138	100%
-------	----	------	-----	------

Cruzamento sexo - idade que começou trabalhar				
	Homens		Mulheres	
	Frequência	Porcentagem	Frequência	Porcentagem
Nunca trabalhei	3	4%	21	15%
Menos de 10 anos	9	12%	8	6%
Entre 10 e 15 anos	21	28%	34	24%
Entre 16 e 18 anos	33	45%	44	31%
Mais de 18 anos	7	9%	31	22%
NR	1	1%	2	1%
Total	74	100%	140	100%

Cruzamento faixa de idade - sexo							
	18-24 anos		25 - 29 anos		Mais de 30 anos		NR
	Frequência	Porcentagem	Frequência	Porcentagem	Frequência	Porcentagem	
Masculino	48	48%	13	43%	14	17%	
Feminino	53	52%	17	57%	67	83%	3
Total	101	100%	30	100%	81	100%	

Cruzamento faixa etária - cor/raça								
		Branca	Preta	Parda	Amarela	Indígena	NR	Total
		18 - 24 anos	Frequência	24	21	45	5	2
Porcentagem	24%		21%	45%	5%	2%	4%	47%
25 - 29 anos	Frequência	3	4	22	1	1	0	31
	Porcentagem	10%	13%	71%	3%	3%	0%	15%
Mais de 30 anos	Frequência	20	15	39	3	0	1	78
	Porcentagem	26%	19%	50%	4%	0%	1%	37%
NR		0	2	0	0	0	1	3
Total		47	42	106	9	3	6	213

Grupo A - Sexo

	Frequência	Porcentagem
Homens	26	29%
Mulheres	64	71%

Grupo B - Sexo		
	Frequência	Porcentagem
Homens	12	35%
Mulheres	22	65%

Grupo C - Sexo		
	Frequência	Porcentagem
Homens	7	35%
Mulheres	13	65%

Grupo D - Sexo		
	Frequência	Porcentagem
Homens	9	43%
Mulheres	12	57%

Grupo NR- Sexo		
	Frequência	Porcentagem
Homens	21	41%
Mulheres	29	57%

Grupo A - jovem/não jovem		
	Frequência	Porcentagem
Jovens	48	53%
Não Jovens	43	47%

Grupo B - jovem/não jovem		
	Frequência	Porcentagem
Jovens	21	62%

Não Jovens	13	38%
------------	----	-----

Grupo C - jovem/não jovem		
	Frequência	Porcentagem
Jovens	17	85%
Não Jovens	3	15%

Grupo D - jovem/não jovem		
	Frequência	Porcentagem
Jovens	16	76%
Não Jovens	5	24%

Grupo A - cor/raça		
	Frequência	Porcentagem
Branca	20	22%
Preta	19	21%
Parda	41	45%
Amarela	5	5%
Indígena	2	2%

Grupo B- cor/raça		
	Frequência	Porcentagem
Branca	6	18%
Preta	5	15%
Parda	21	62%
Amarela	0	0%
Indígena	0	0%

Grupo C- cor/raça		
	Frequência	Porcentagem
Branca	3	15%

Preta	3	15%
Parda	10	50%
Amarela	1	5%
Indígena	1	5%

Grupo D- cor/raça		
	Frequência	Porcentagem
Branca	7	33%
Preta	3	14%
Parda	11	52%
Amarela	0	0%
Indígena	0	0%

Grupo NR - cor/raça		
	Frequência	Porcentagem
Branca	11	22%
Preta	12	24%
Parda	23	45%
Amarela	3	6%
Indígena	0	0%

Grupo A - Já trabalharam e estudaram ao mesmo tempo?		
	Frequência	Porcentagem
Sim	75	82%
Não	16	18%
Total	91	100%

Grupo B - Já trabalharam e estudaram ao mesmo tempo?		
	Frequência	Porcentagem

Sim	22	65%
Não	12	35%
Total	34	100%

Grupo B - Já trabalharam e estudaram ao mesmo tempo?		
	Frequência	Porcentagem
Sim	22	65%
Não	12	35%
Total	34	100%

Grupo D - Já trabalharam e estudaram ao mesmo tempo?		
	Frequência	Porcentagem
Sim	17	81%
Não	4	19%
Total	21	100%

Grupo A - Idade que começou trabalhar		
	Frequência	Porcentagem
Nunca trabalhei	10	11%
menos de 10 anos	8	9%
10-15 anos	18	20%
16-18 anos	37	41%
mais de 18 anos	17	19%
Total	90	100%

Grupo B - Idade que começou trabalhar		
	Frequência	Porcentagem
Nunca trabalhei	4	12%
menos de 10 anos	3	9%
10-15 anos	12	35%
16-18 anos	8	24%

mais de 18 anos	7	21%
Total	34	100%

Grupo C - Idade que começou trabalhar		
	Frequência	Porcentagem
Nunca trabalhei	2	10%
menos de 10 anos	1	5%
10-15 anos	8	40%
16-18 anos	7	35%
mais de 18 anos	2	10%
Total	20	100%

Grupo D - Idade que começou trabalhar		
	Frequência	Porcentagem
Nunca trabalhei	3	14%
menos de 10 anos	2	10%
10-15 anos	5	24%
16-18 anos	9	43%
mais de 18 anos	2	10%
Total	21	100%

Grupo A - Idade que começou trabalhar		
	Frequência	Porcentagem
Nunca trabalhei	10	11%
menos de 10 anos	8	9%
10-15 anos	18	20%

16-18 anos	37	41%
mais de 18 anos	17	19%
Total	90	100%

Grupo B - Idade que começou trabalhar		
	Frequência	Porcentagem
Nunca trabalhei	4	12%
menos de 10 anos	3	9%
10-15 anos	12	35%
16-18 anos	8	24%
mais de 18 anos	7	21%
Total	34	100%

Grupo C - Idade que começou trabalhar		
	Frequência	Porcentagem
Nunca trabalhei	2	10%
menos de 10 anos	1	5%
10-15 anos	8	40%
16-18 anos	7	35%
mais de 18 anos	2	10%
Total	20	100%

Grupo D - Idade que começou trabalhar		
	Frequência	Porcentagem

Nunca trabalhei	3	14%
menos de 10 anos	2	10%
10-15 anos	5	24%
16-18 anos	9	43%
mais de 18 anos	2	10%
Total	21	100%

Grupo A - Atualmente trabalha?		
	Frequência	Porcentagem
Não trabalha e não procura emprego	7	8%
Não trabalha e procura emprego	25	28%
Tem trabalho fixo	35	39%
Faz bicos	14	16%
Ajuda nos afazeres domésticos	7	8%
Aposentado	1	1%
Total	89	100%

Grupo B - Atualmente trabalha?

	Frequência	Porcentagem
Não trabalha e não procura emprego	3	10%
Não trabalha e procura emprego	13	43%
Tem trabalho fixo	3	10%
Faz bicos	10	33%
Ajuda nos afazeres domésticos	0	0%
Aposentado	1	3%
Total	30	100%

Grupo C - Atualmente trabalha?		
	Frequência	Porcentagem
Não trabalha e não procura emprego	1	5%
Não trabalha e procura emprego	5	26%
Tem trabalho fixo	7	37%
Faz bicos	5	26%
Ajuda nos afazeres domésticos	1	5%
Aposentado	0	0%
Total	19	100%

Grupo D - Atualmente trabalha?		
	Frequência	Porcentagem
Não trabalha e não procura emprego	1	6%
Não trabalha e procura emprego	3	17%
Tem trabalho fixo	11	61%
Faz bicos	3	17%
Ajuda nos afazeres domésticos	0	0%
Aposentado	0	0%
Total	18	100%

Grupo A - O trabalho é remunerado?		
	Frequência	Porcentagem
Sim	51	59%
Não	14	16%
Não se aplica	21	24%
Total	86	100%

Grupo B - O trabalho é remunerado?		
	Frequência	Porcentagem
Sim	5	15%
Não	11	32%
Não se aplica	18	53%
Total	34	100%

Grupo C - O trabalho é remunerado?		
	Frequência	Porcentagem
Sim	9	53%
Não	4	24%

Não se aplica	4	24%
Total	17	100%

Grupo D - O trabalho é remunerado?		
	Frequência	Porcentagem
Sim	11	58%
Não	4	21%
Não se aplica	4	21%
Total	19	100%

Grupo A - Remuneração		
	Frequência	Porcentagem
até 1 salário mínimo	21	24%
1 - 2 salários mínimos	28	31%
2 - 5 salários mínimos	2	2%
Não se aplica	31	35%
NS/NR	7	8%
Total	89	100%

Grupo B - Remuneração		
	Frequência	Porcentagem
até 1 salário mínimo	5	15%
1 - 2 salários mínimos	3	9%
2 - 5 salários mínimos	0	0%
Não se aplica	18	53%
NS/NR	8	24%
Total	34	100%

Grupo C - Remuneração		
	Frequência	Porcentagem
até 1 salário mínimo	8	40%
1 - 2 salários mínimos	4	20%
2 - 5 salários mínimos	0	0%
Não se aplica	5	25%
NS/NR	3	15%
Total	20	100%

Grupo D - Remuneração		
	Frequência	Porcentagem
até 1 salário mínimo	3	15%
1 - 2 salários mínimos	9	45%
2 - 5 salários mínimos	1	5%
Não se aplica	4	20%
NS/NR	3	15%
Total	20	100%

Grupo A - Tem carteira assinada?		
	Frequência	Porcentagem
Sim	31	35%
Não	43	48%
Não se aplica	15	17%
Total	89	100%

Grupo B - Tem carteira assinada?		
	Frequência	Porcentagem
Sim	4	12%
Não	22	65%
Não se aplica	8	24%
Total	34	100%

Grupo C - Tem carteira assinada?		
	Frequência	Porcentagem
Sim	5	26%
Não	12	63%
Não se aplica	2	11%
Total	19	100%

Grupo D - Tem carteira assinada?		
	Frequência	Porcentagem
Sim	9	45%
Não	10	50%
Não se aplica	1	5%
Total	20	100%

Grupo A - Horas que trabalha por dia		
	Frequência	Porcentagem
até 6 horas	7	8%
6 - 8 horas	27	30%
mais de 8 horas	17	19%
sem horário definido	16	18%
Não se aplica	17	19%
NR/NS	6	7%
Total	90	100%

Grupo B - Horas que trabalha por dia		
--------------------------------------	--	--

	Frequência	Porcentagem
até 6 horas	6	18%
6 - 8 horas	7	21%
mais de 8 horas	3	9%
sem horário definido	2	6%
Não se aplica	12	36%
NR/NS	3	9%
Total	33	100%

Grupo C - Horas que trabalha por dia		
	Frequência	Porcentagem
até 6 horas	3	15%
6 - 8 horas	3	15%
mais de 8 horas	4	20%
sem horário definido	3	15%
Não se aplica	4	20%
NR/NS	3	15%
Total	20	100%

Grupo D - Horas que trabalha por dia		
	Frequência	Porcentagem
até 6 horas	4	19%
6 - 8 horas	4	19%
mais de 8 horas	4	19%
sem horário definido	2	10%
Não se aplica	5	24%
NR/NS	2	10%
Total	21	100%

Grupo A - Turno que trabalha		
	Frequência	Porcentagem
Manhã	60	67%
Tarde	3	3%
Não se aplica	22	24%
NR	5	6%
Total	90	100%

Grupo B - Turno que trabalha		
	Frequência	Porcentagem
Manhã	17	50%
Tarde	0	0%
Não se aplica	13	38%
NR	4	12%
Total	34	100%

Grupo C - Turno que trabalha		
	Frequência	Porcentagem
Manhã	13	65%
Tarde	0	0%
Não se aplica	5	25%
NR	2	10%
Total	20	100%

Grupo D - Turno que trabalha		
	Frequência	Porcentagem
Manhã	13	62%
Tarde	1	5%
Não se aplica	4	19%

NR	3	14%
Total	21	100%

Grupo A - Fez curso profissionalizante?		
	Frequência	Porcentagem
Sim	39	44%
Não	46	52%
Não responderam	4	4%
Total	89	100%

Grupo B - Fez curso profissionalizante?		
	Frequência	Porcentagem
Sim	12	35%
Não	17	50%
Não responderam	5	15%
Total	34	100%

Grupo C - Fez curso profissionalizante?		
	Frequência	Porcentagem
Sim	12	63%
Não	6	32%
Não responderam	1	5%
Total	19	100%

Grupo D - Fez curso profissionalizante?		
	Frequência	Porcentagem
Sim	4	20%

Não	14	70%
Não responderam	2	10%
Total	20	100%

Grupo A - Tipo de escola que estudava no ensino fundamental		
	Frequência	Porcentagem
Escola pública	64	85%
Escola particular	7	9%
Uma parte na escola pública e outra na particular	1	1%
NR	3	4%
Total	75	100%

Grupo B - Tipo de escola que estudava no ensino fundamental		
	Frequência	Porcentagem
Escola pública	28	88%
Escola particular	1	3%
Uma parte na escola pública e outra na particular	1	3%
NR	2	6%
Total	32	100%

Grupo C - Tipo de escola que estudava no ensino fundamental		
	Frequência	Porcentagem
Escola pública	10	77%
Escola particular	1	8%

Uma parte na escola pública e outra na particular	0	0%
NR	2	15%
Total	13	100%

Grupo D - Tipo de escola que estudava no ensino fundamental		
	Frequência	Porcentagem
Escola pública	13	76%
Escola particular	4	24%
Uma parte na escola pública e outra na particular	0	0%
NR	0	0%
Total	17	100%

Grupo A - Repetiu o ensino fundamental ?		
	Frequência	Porcentagem
Nunca	39	43%
Uma vez	25	27%
Dois vezes	15	16%
Mais de três vezes	9	10%
Não sabe	3	3%
Total	91	100%

Grupo B - Repetiu o ensino fundamental ?		
	Frequência	Porcentagem
Nunca	10	29%
Uma vez	7	21%
Dois vezes	10	29%

Mais de três vezes	3	9%
Não sabe	4	12%
Total	34	100%

Grupo C - Repetiu o ensino fundamental ?		
	Frequência	Porcentagem
Nunca	6	30%
Uma vez	4	20%
Duas vezes	9	45%
Mais de três vezes	0	0%
Não sabe	1	5%
Total	20	100%

Grupo D - Repetiu o ensino fundamental ?		
	Frequência	Porcentagem
Nunca	8	38%
Uma vez	5	24%
Duas vezes	4	19%
Mais de três vezes	1	5%
Não sabe	3	14%
Total	21	100%

Grupo A - Abandonou o ensino fundamental ?		
	Frequência	Porcentagem
Nunca	53	58%

Uma vez	24	26%
Duas vezes	5	5%
Mais de três vezes	6	7%
Não sabe	4	4%
Total	92	100%

Grupo B - Abandonou o ensino fundamental ?		
	Frequência	Porcentagem
Nunca	15	47%
Uma vez	10	31%
Duas vezes	3	9%
Mais de três vezes	0	0%
Não sabe	4	13%
Total	32	100%

Grupo C - Abandonou o ensino fundamental ?		
	Frequência	Porcentagem
Nunca	8	40%
Uma vez	9	45%
Duas vezes	1	5%
Mais de três vezes	1	5%
Não sabe	1	5%
Total	20	100%

Grupo D - Abandonou o ensino fundamental ?		
--	--	--

	Frequência	Porcentagem
Nunca	13	62%
Uma vez	7	33%
Duas vezes	1	5%
Mais de três vezes	0	0%
Não sabe	0	0%
Total	21	100%

Grupo A - Idade que terminou o ensino fundamental		
	Frequência	Porcentagem
Até 15 anos	18	20%
16-19 anos	33	36%
20-29 anos	10	11%
mais de 30 anos	24	26%
NR	6	7%
Total	91	100%

Grupo B - Idade que terminou o ensino fundamental		
	Frequência	Porcentagem
Até 15 anos	4	12%
16-19 anos	12	35%
20-29 anos	9	26%
mais de 30 anos	4	12%
NR	5	15%
Total	34	100%

Grupo C - Idade que terminou o ensino fundamental		
	Frequência	Porcentagem
Até 15 anos	1	5%
16-19 anos	13	65%
20-29 anos	3	15%
mais de 30 anos	1	5%
NR	2	10%
Total	20	100%

Grupo D - Idade que terminou o ensino fundamental		
	Frequência	Porcentagem
Até 15 anos	8	38%
16-19 anos	10	48%
20-29 anos	1	5%
mais de 30 anos	2	10%
NR	0	0%
Total	21	100%

Grupo A - Onde concluiu o ensino fundamental?		
	Frequência	Porcentagem
Ensino regular	51	57%
EJA	31	34%
Programas	2	2%
Aceleração	3	3%

NR	3	3%
Total	90	100%

Grupo B - Onde concluiu o ensino fundamental?		
	Frequência	Porcentagem
Ensino regular	18	53%
EJA	9	26%
Programas	2	6%
Aceleração	2	6%
NR	3	9%
Total	34	100%

Grupo C- Onde concluiu o ensino fundamental?		
	Frequência	Porcentagem
Ensino regular	12	60%
EJA	6	30%
Programas	0	0%
Aceleração	1	5%
NR	1	5%
Total	20	100%

Grupo D - Onde concluiu o ensino fundamental?		
	Frequência	Porcentagem
Ensino regular	17	85%
EJA	1	5%
Programas	0	0%
Aceleração	1	5%
NR	1	5%
Total	20	100%

Grupo A - Quantos anos entrou no ensino médio?		
	Frequência	Porcentagem

Até 17 anos	30	33%
18-19 anos	11	12%
20 -29 anos	12	13%
mais de 30 anos	33	37%
NR	4	4%
Total	90	100%

Grupo B - Quantos anos entrou no ensino médio?		
	Frequência	Porcentagem
Até 17 anos	5	15%
18-19 anos	6	18%
20 -29 anos	8	24%
mais de 30 anos	13	38%
NR	2	6%
Total	34	100%

Grupo C - Quantos anos entrou no ensino médio?		
	Frequência	Porcentagem
Até 17 anos	2	10%
18-19 anos	9	45%
20 -29 anos	4	20%
mais de 30 anos	3	15%
NR	2	10%
Total	20	100%

Grupo D - Quantos anos entrou no ensino médio?		
	Frequência	Porcentagem
Até 17 anos	10	48%
18-19 anos	5	24%
20 -29 anos	1	5%
mais de 30 anos	2	10%
NR	3	14%
Total	21	100%

Grupo A - Repetiu o ensino médio?		
	Frequência	Porcentagem
Nunca	57	65%
Uma vez	18	20%
Duas vezes	8	9%
Mais de três vezes	5	6%
Não sabe	0	0%
Total	88	100%

Grupo B - Repetiu o ensino médio?		
	Frequência	Porcentagem
Nunca	19	59%
Uma vez	10	31%
Duas vezes	1	3%
Mais de três vezes	0	0%
Não sabe	2	6%
Total	32	100%

Grupo C - Repetiu o ensino médio?		
	Frequência	Porcentagem
Nunca	10	50%
Uma vez	8	40%
Duas vezes	0	0%
Mais de três vezes	0	0%
Não sabe	2	10%
Total	20	100%

Grupo D - Repetiu o ensino médio?		
	Frequência	Porcentagem
Nunca	9	47%
Uma vez	7	37%
Duas vezes	1	5%
Mais de três vezes	1	5%
Não sabe	1	5%
Total	19	100%

Grupo A - Abandonou o ensino médio ?		
	Frequência	Porcentagem
Nunca	44	49%
Uma vez	31	34%
Duas vezes	5	6%
Mais de três vezes	1	1%
Não sabe	9	10%
Total	90	100%

Grupo B - Abandonou o ensino médio ?		
	Frequência	Porcentagem
Nunca	23	68%
Uma vez	8	24%
Duas vezes	1	3%
Mais de três vezes	0	0%
Não sabe	2	6%
Total	34	100%

Grupo C - Abandonou o ensino médio ?		
	Frequência	Porcentagem
Nunca	16	89%
Uma vez	1	6%
Duas vezes	1	6%
Mais de três vezes	0	0%
Não sabe	0	0%
Total	18	100%

Grupo D - Abandonou o ensino médio ?		
	Frequência	Porcentagem
Nunca	9	45%
Uma vez	3	15%
Duas vezes	2	10%
Mais de três vezes	2	10%
Não sabe	4	20%
Total	20	100%

Por que você entrou para estudar na EJA?									
	Grupo A		Grupo B		Grupo C		Grupo D		
	Frequência	Porcentagem	Frequência	Porcentagem	Frequência	Porcentagem	Frequência	Porcentagem	Total
Não estudo na EJA	3	3%	3	7%	1	3%	1	5%	8
Para concluir mais rápido	55	50%	16	37%	13	42%	10	50%	94
Para estudar a noite	10	9%	4	9%	2	6%	1	5%	17
Porque é mais fácil	8	7%	8	19%	3	10%	0	0%	19
Eu não escolhi, foi a escola	2	2%	1	2%	3	10%	1	5%	7
Esta foi única escola que tinha vaga	6	5%	2	5%	0	0%	1	5%	9
Porque tive filhos	9	8%	2	5%	2	6%	0	0%	13
Porque casei	4	4%	1	2%	4	13%	1	5%	10
Por ser mais velho	10	9%	3	7%	1	3%	3	15%	17
Não sabia que era EJA	4	4%	2	5%	1	3%	1	5%	8
Outro:para trabalhar	0	0%	1	2%	1	3%	1	5%	3
NR									12
Total	111		43		31		20		217

Grupos por faixa etária										
	Grupo A		Grupo B		Grupo C		Grupo D		Grupo NR	
	Frequência	Porcentagem	Frequência	Porcentagem	Frequência	Porcentagem	Frequência	Porcentagem	Frequência	Porcentagem
18-24 anos	39	43%	15	44%	13	65%	16	76%	19	40%
25-29 anos	9	10%	6	18%	4	20%	0	0%	12	25%
mais de 30 anos	43	47%	13	38%	3	15%	5	24%	17	35%
Total	91	100%	34	100%	20	100%	21	100%	48	100%